

# **Da Quinta da Holandesa ao Bairro do Armador: realojamento, integração ou ambos para a comunidade indiana?**

**Maria Alexandra das Neves Barreto**

**Dissertação  
de Mestrado em Migrações, Inter-Etnicidades e Transnacionalismo**

Maria Alexandra Barreto, Da Quinta da  
Holandesa ao Bairro do Armador:  
realojamento, integração ou ambos  
para a comunidade indiana, 2015

**Abril, 2015**

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em (Migrações, Inter-eticidades e Transnacionalismo), realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Dulce Pimentel e do Professor Doutor Jorge Malheiros.

“(...) As casas de fora olham-nos pelas janelas  
Não sabem nada de casas os construtores  
os senhorios os procuradores  
Os ricos vivem nos seus palácios  
mas a casa dos pobres é todo o mundo  
os pobres sim têm o conhecimento das casas  
os pobres esses conhecem tudo  
Eu amei as casas os recantos das casas  
Visitei casas apalpei casas  
Só as casas explicam que exista  
uma palavra como intimidade  
Sem casas não haveria ruas  
as ruas onde passamos pelos outros  
mas passamos principalmente por nós (...)”

Ruy Belo

*Todos os Poemas*  
Lisboa, Assírio & Alvim, 2000

## Agradecimentos

Numa dissertação de mestrado é difícil resumir as palavras de gratidão a todos os que acompanham o percurso da aventura da aprendizagem. Foram tantas as pessoas que me motivaram e que me ajudaram a nunca me esquecer do mais importante: estudar, refletir e caminhar... por vezes devagar, mas caminhar. Por isso, utilizarei as palavras do meu pai, que dizia sempre um “bem-haja”, para mostrar a profunda gratidão que senti perante um apoio incondicional, semelhante ao que eu fui recebendo.

Bem-haja à Professora Dulce Pimentel. A palavra “orientadora” é pequena para espelhar tudo o que esta dissertação lhe deve. A operacionalização desta investigação teria sido impossível sem os seus constantes contactos, os inúmeros apoios e sugestões, os aperfeiçoamentos, as horas infinitas de trabalho no final de um dia preenchidíssimo e, o mais importante, sem as suas palavras sábias que motivavam sem limite.

Bem-haja ao Professor Jorge Malheiros, co-orientador desta tese, que mesmo nos dias mais cansativos de trabalho, ofereceu os seus conhecimentos e experiência, com toda a disponibilidade e simpatia e que em parceria com a Professora Dulce, foi uma presença constante e forte na operacionalização do trabalho.

Bem-haja aos moradores do Bairro do Armador pelo acolhimento, pela paciência, pelas visitas de manhã, à tarde e à noite...

Bem-haja aos meus professores do ano curricular de mestrado. Sem nenhum juízo de valor, souberam acolher-me e pacientemente orientar-me no meu percurso, apesar de saberem que eu vinha de outra área científica e que trazia comigo apenas a curiosidade, a paixão e a experiência do trabalho nas escolas TEIP. Em particular, bem-haja ao professor José Leitão, disponível para tirar dúvidas, trocar ideias e ser o espelho da escola humana que a FCSH é, com os meus orientadores de tese.

Bem-haja à família alargada de Bari, cidade onde vivi quase dois anos e iniciei a aventura do contacto próximo com os imigrantes nos espaços do Centro de Identificação e Expulsão (Centri di Identificazione ed Espulsione- C.I.E.) e no Centro de

Acolhimento para Pedidos de Asilo em Itália (Centri di Accoglienza per Richiedenti Asilo in Italia-C.A.R.A.).

Bem-haja a todos os meus alunos, em particular aos da turma de *Técnico de Instalações Elétricas 1* (TIE1) da Amadora, com os quais aprendi tanto sobre a vida nos bairros, as dinâmicas entre os vizinhos e amigos da *street* e que sempre foram tão carinhosos e atenciosos.

Bem-haja a todos os amigos. São tantos que não incorrerei no risco de colocar alguns nomes e de me esquecer de outros. Mas não posso deixar de escrever bem-haja ao Pedro Serpa, este amigo de há mais de 15 anos, com quem tive a sorte de me cruzar na minha casa académica de sempre, a FCSH, e que se disponibilizou para me ajudar a reler e a paginar este trabalho.

Bem-haja aos meus irmãos, em particular à Manuela e à Lena.

Bem-haja por tudo à minha mãe e ao meu pai. As suas lutas, os seus percursos pelo mundo, as suas visões da vida, são a inspiração para tudo o que faço.

Bem-haja a todos os que estão comigo. Aos que já não estão fisicamente, bem-haja no céu, onde eu sei que continuam a olhar por mim.

# ÍNDICE

Resumo

Agradecimentos

	<b>Pág.</b>
<b>Introdução</b>	1
<b>1. Habitação e Imigração: breve discussão conceptual</b>	6
1.1 Realojamento; integração residencial; mix residencial	
1.2 Problematização e objetivos	13
1.3 Metodologia	15
<b>2. Realojamento e população de origem indiana: Contextualização geográfica e social</b>	19
2.1 Realojamento em Lisboa	
2.1.1 Processos de realojamento em Lisboa	
2.1.2 Das barracas do Vale do Areeiro ao realojamento em Chelas	24
2.2 A população de origem indiana em Portugal: o caso da comunidade hindu	30
<b>3. Da Quinta da Holandesa ao Bairro do Armador: realojamento, integração ou ambos para a população indiana?</b>	34
3.1 A evolução do bairro	
3.2 O olhar do bairro sobre a comunidade	41
3.3 O olhar da comunidade sobre o bairro	49
3.4 Reflexão crítica	59
<b>4. Notas finais</b>	63
<b>5. Bibliografia</b>	67

<b>6. Índice de Figuras</b>	<b>71</b>
<b>7. Anexos</b>	<b>73</b>
7.1 Guião da entrevista: aos moradores de origem portuguesa do bairro	
7.2 Guião da entrevista: aos moradores de origem indiana do bairro	75
7.3 Perguntas que evidenciam indicadores da integração económica	77
7.4 Perguntas que evidenciam indicadores da relação inter-étnica	78
7.5 Perguntas que evidenciam indicadores das representações face à casa e ao bairro	79
7.6 Tabela de respostas dadas pelos entrevistados 1	80
7.7 Tabela de respostas dadas pelos entrevistados 2	88
7.8 Tabela de dados estatísticos da CML, sobre a Quinta da Holandesa	92
7.9 “Diário de bordo”	97
7.10 Espaços públicos do Bairro do Armador	108
7.11 Murais/Fachadas dos prédios	110
7.12 Associações/Organizações/Serviços	112
7.13 Lojas	117

## **Lista de abreviaturas**

AML- Área Metropolitana de Lisboa

CET- Centro de Estudos Territoriais

CML- Câmara Municipal de Lisboa

GEBALIS – Gestão dos Bairros de Lisboa

GTH- Gabinete Técnico de Habitação

IGAPHE- Instituto de Gestão e Alienação do Património Habitacional do Estado

IHRU- Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana

INH- Instituto Nacional de Habitação

PALOP- Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

PER- Programa Especial de Realojamento

PIMP- Plano de Intervenção a Médio Prazo

PLNM- Português Língua Não Materna

SCML- Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

## **Resumo**

Esta dissertação é um percurso de descoberta e de reflexão em torno da comunidade hindu residente no bairro do Armador, em Lisboa. O trabalho faz a apresentação das problemáticas do realojamento e da integração num bairro social, aplicando esses conceitos à comunidade hindu. Traçamos o percurso desta comunidade até ter chegado ao Bairro do Armador, apresentando de forma breve o que foi a Quinta da Holandesa e o que representou o realojamento na vida destes hinduss, alguns já de segunda e terceira geração. Analisamos o material recolhido no terreno, junto das pessoas que entrevistámos, para compreender melhor as dinâmicas de interação que conduzem (ou não) à integração de uma comunidade num espaço, lançando pistas de reflexão em torno das problemáticas, com a visão do bairro sobre esta comunidade e da comunidade sobre o bairro.

Palavras-chave: Realojamento; Comunidade Hindu; População Indiana; Bairro do Armador; Quinta da Holandesa

## **Abstract**

This thesis is a journey of discovery and reflection around the Hindu community, in the the Armador neighborhood. The work will introduce the thematic of relocation and the integration into a housing estate, applying these concepts to the Hindu community. We trace the route of this community until the relocation to this neighborhood, presenting briefly what was the Quinta da Holandesa and what represented the relocation in the lifes of these Hindus, some of the second and third generation. We have analysed critically the material collected in the field, within the local people, to understand better the dynamics of interaction that lead (or not) the integration of a community, in a space, giving clues to think over these themes, with the neighborhood's vision and the hindu's community vision also.

Key words: Rehousing; Hindu community; Indian population; Bairro do Armador; Quinta da Holandesa.

## Introdução

A Área Metropolitana de Lisboa (AML) tem sido palco de intensos movimentos migratórios, quer internos quer internacionais, envolvendo populações de diversas origens geográficas e das mais variadas etnias. Nos últimos cinquenta anos, a freguesia de Marvila, localizada na parte oriental da cidade de Lisboa e antes considerada limítrofe da capital, tem sido a expressão contemporânea desses movimentos. Com uma história rica de migrações, a população de Marvila aumentou a partir da década de 50<sup>1</sup>, quando a industrialização fez afluir à capital mão-de-obra, inicialmente oriunda, na sua maioria da região Norte do país e, mais tarde, das ex-colónias africanas e, direta ou indirectamente (via Moçambique), do Oriente.

A “Escola de Chicago” no início do século XX, estabeleceu o campo da pesquisa sociológica, centrada nos fenómenos urbanos. Antes de Chicago, temos nomes como Georg Simmel. O que importa é que estamos, no início do século XX, no arranque na investigação de temas relativos à segregação socioespacial, sendo que não é de todo nosso objetivo centrarmo-nos neste aspeto (apenas), uma vez que colocamos o enfoque na habitação, no realojamento e nas questões que tratam a integração. Em Portugal, Machado e Azevedo (2008) referem que um dos temas mais estudados sobre imigração e etnicidade em Portugal, entre 2000 e 2008, foram as *Políticas, regulações jurídicas e cidadania, seguindo-se-lhe o Mercado de trabalho e comportamentos económicos*. Logicamente poderíamos constatar que são temas que, de certa forma, tocam em aspetos que se cruzam com as questões da habitação; porém, é de notar que pouco são invocadas palavras como habitação ou integração residencial, o que nos fez desejar refletir sobre este assunto. Não queremos porém esquecer o trabalho de Malheiros e Fonseca (2011), no qual é abordada a complexidade das questões de realojamento, habitação (acesso a) e habitação social, entre outras. No nosso caso, dedicamo-nos à comunidade indiana, especificamente os indianos hindus. Não houve, da nossa parte, intenção inicial de restringir o estudo a

---

<sup>1</sup> Segundo João Pedro Silva Nunes e Ágata Dourado Sequeira, em “ O Fado de Marvila. Notas sobre a origem citadina e o destino metropolitano de uma antiga zona industrial de Lisboa”. In *Forum Sociológico* [Online], 21 | 2011, posto online no dia 05 Setembro 2012, consultado o 31 Março 2015. Marvila tinha 20 001 habitantes em 1960, de acordo com o X Recenseamento geral da População. De salientar que Marvila tornou-se freguesia oficialmente em 1959.

este grupo de indianos, mas, no decorrer da elaboração das entrevistas, das visitas aos agregados familiares e da participação em algumas festividades, apercebemo-nos de que os indianos que vivem no bairro do Armador (freguesia de Marvila) são maioritariamente hindus e que professam a sua fé na escola básica do bairro e/ou no Templo do Lumiar. No quadro dos grupos mais estudados entre 2000 e 2008 (Machado e Azevedo, 2008: 18), este grupo enquadra a antepenúltima posição, com 19 estudos na totalidade, sendo dos menos estudados entre 2006 e 2008. Não pensamos que o interesse esteja a aumentar neste momento, porém, sabemos que a sua presença ainda é muito notória e, no caso do bairro do Armador, as expressões culturais da comunidade são certamente relevantes para a reflexão que traça o caminho para compreender as questões da integração e realojamento de populações migrantes. Gostaríamos também de referir que temos consciência de que, sobre as comunidades indianas presentes na AML, os estudos feitos são essencialmente da responsabilidade da Antropologia. Exemplo disso é Cachado (2009), onde vemos espelhado o percurso da investigadora no terreno da Quinta da Vitória, o seu acompanhamento e observação de diversas famílias indianas hindus, bem como os seus comportamentos e interações, antes e durante o processo de realojamento. Antes dele, o de Bastos (1990), onde se aborda etnologicamente a representação dos espaços domésticos na comunidade hindu residente na Quinta da Holandesa. Já nesta altura, Bastos refletia sobre a apropriação dos espaços, tendo em vista uma integração e/ou o conhecimento deste grupo. Além destes, há, na área da Geografia, o trabalho de Malheiros (1996), sendo que todos eles serão de fulcral relevância para as questões abordadas nesta dissertação.

O projeto de tese foi estruturado com base nas seguintes questões de partida: Quais foram os movimentos (migratórios internacionais e de mobilidade residencial em Portugal) da generalidade das famílias indianas residentes no Bairro do Armador (Lisboa)? Como é que o bairro olha para esta comunidade e como é que esta comunidade olha para o bairro? Houve intervenções sociais para promover a interculturalidade, o diálogo? Como é que as famílias indianas acolheram essas intervenções?

A dissertação está organizada em 4 capítulos. No primeiro são apresentados os conceitos chave - realojamento, integração residencial dos imigrantes e mix residencial e realizada uma breve discussão. Pretende-se introduzir o espaço de reflexão que se segue, apoiado na pesquisa empírica. No fundo, compreender o que se entende por integração, porque é que para alguns a integração consiste em ver mulheres indianas que levam os filhos à escola, para outros é pedir um ovo a um vizinho para acabar um bolo e para os restantes, outros valores e ações. É importante compreender o contexto geográfico e social, por isso, o segundo capítulo desenvolve os programas de realojamento, as instituições com quem foi fulcral trabalhar em prol de um realojamento que abrangesse o máximo de famílias possível e, a partir daqui, entraremos no caso do vale do Areeiro, para poder chegar à Quinta da Holandesa, local de onde provem a grande maioria dos indivíduos de origem indiana entrevistados para esta investigação. Será também neste capítulo apresentada a comunidade estudada, que no projeto de tese foi sempre nomeada como a “comunidade indiana”, mas que houve necessidade de delimitar ao grupo hindu, tal como já referimos anteriormente.

Num terceiro capítulo, efectuou-se a reflexão sobre os elementos que estabelecem pontes entre a comunidade hindu e o bairro, com base nas entrevistas e trabalho de campo realizado. Pretendemos escrever sobre o olhar do bairro sobre a comunidade, bem como o olhar da comunidade sobre o bairro. É um capítulo onde refletiremos o diálogo comunicativo e produtivo ou não entre os vários intervenientes. Só após este percurso é possível uma reflexão crítica, que aborda as questões anteriormente lançadas e discutidas, sempre passível de nova reflexão a cada dia que passa, pois a cidade intercultural é um espaço geográfico, humano e social em constante mutação. Passaremos ao quarto capítulo, anotando os aspetos mais relevantes e agrupando-os, de forma a que se possa compreender quais foram as inquietações que nos acompanharam, as que fomos ganhando ao longo do trabalho e as pistas de reflexão sobre o percurso efetuado.

É importante ter presente que o estudo desenvolvido se diferencia da etnografia de Rita D’Ávila Cachado (2012) sobre os hindus da Quinta da Vitória em processo de realojamento. O Bairro do Armador está com o seu processo de realojamento

concluído há quase 10 anos e por isso haverá que atender às suas especificidades. Desde logo, o tempo de residência dos moradores no bairro, pois a comunidade que constitui o objeto de estudo já habita em fogos atribuídos no âmbito do Programa Especial de Realojamento(PER) há cerca de 10-15 anos. Vêm sobretudo da Quinta da Holandesa e embora a grande maioria residisse em habitações precárias, nem todos moravam em casas precárias. Distanciámo-nos igualmente da abordagem de Marques (2008), pois mesmo entendendo que o associativismo pode ser um ponto de partida para a integração, no Bairro do Armador, atualmente, isso não é possível de alcançar, pois a forma de organização dos moradores, a grande mobilidade de muitos dos residentes e a diversidade de línguas e culturas, ainda não chegou para ultrapassar barreiras e, mesmo decorridos mais de 15 anos desde o início do realojamento, ainda não parecem ter sido criadas condições para constituir, sequer uma associação de moradores.

Por fim, gostaríamos de sublinhar que a escolha do grupo relaciona-se com o desejo de refletir sobre o percurso desta da população de origem indiana, muitas vezes vista de fora como fechada e incontactável. No que respeita ao espaço geográfico, o Bairro do Armador, é talvez um dos menos citados nas publicações da freguesia de Marvila. Não podemos afirmá-lo com segurança, por se tratar essencialmente de publicações com a periodicidade mensal (“Jornal de Marvila”); porém, a presença constante no bairro e o contacto com os moradores fez-nos ouvir a generalização das ideias de vandalismo quanto a este bairro. Por outro lado, uma vez que se encontra numa das zonas limítrofes da freguesia, muitas pessoas que crêem que este é um espaço pertencente às Olaias e, portanto, a outra freguesia.

Tendo em consideração estes elementos, desejamos que este possa ser um ponto de partida para refletir sobre a presença desta comunidade no Bairro do Armador. Deparámo-nos com um fluxo migratório intenso e por isso encontrámos muitas famílias com um dos progenitores em Londres ou na Índia, entrevistámos pessoas que na semana seguinte emigraram, o que dificultou a seleção do material a analisar, sendo que o mesmo depende do posicionamento do investigador e da sua percepção da relevância para o caso. Alguns dos obstáculos foram superados, outros ficarão para novas aventuras.

“O olhar raramente é unidireccional. Um olhar sobre o “outro” implica, pelo menos, um olhar do outro , sobre nós.” (Bastos, 1991). A descoberta do outro fez com que o outro nos descobrisse e nos mostrasse outros pontos de vista, outros “eus”, que num jogo de espelhos, foi vivendo e jogando umas vezes a nosso favor, outras menos. Um pouco disto está relatado no diário de bordo (anexo 7.9). Nada a lamentar, apenas muito ainda por dizer e mais ainda para aprender...

## 1. Habitação e Imigração: breve discussão conceptual

### 1.1 Realojamento; integração residencial; mix residencial

“O acesso a uma habitação condigna é um direito fundamental de todos os seres humanos e constitui o primeiro passo para a inclusão social dos imigrantes no país de acolhimento. As características do alojamento e do lugar de residência influenciam a qualidade de vida, a saúde, a actividade económica, o acesso a diferentes tipos de bens e serviços e a participação cívica na vida social.” (Fonseca,2008). A habitação condigna é, por si só, o ponto de partida para o sucesso em diversas áreas da vida de um cidadão. Diz o artigo 65 da Constituição Portuguesa, que “deve haver bom ambiente e qualidade de vida, assim como casas dignas e higiénicas”, e todos compreendemos a importância que isso tem na vida de qualquer pessoa. Mais ainda, de um cidadão que se encontra na condição de imigrante e que apresenta fragilidades na língua, no acesso à saúde, que no fundo tem mais dificuldades em aceder a serviços básicos. Neste primeiro ponto refletiremos sobre conceitos que são fundamentais e que podem ditar uma integração plena e feliz, ou a segregação total.

Realojar é Re-alocar, isto é, voltar a dar abrigo, voltar a hospedar, segundo o dicionário *online* da Porto Editora. Numa perspectiva social, o conceito de realojamento remete para “... alojar de novo, e tem estado quase sempre associado à necessidade de atribuir alojamento a famílias vitimadas por catástrofes, a famílias residentes em áreas a desafetar em sequência de obras públicas ou ainda a programas de eliminação sistemática de ilhas e à distribuição de fogos pelos seus habitantes” (Freitas, 1994). Existem vários problemas associados à política de realojamento. Tudo isso pode e deve ser visto à luz da sua complexidade, pois entregar uma casa a alguém não é como lhe dar uma camisola e deixar que tudo se resolva por si próprio. Persistem outras questões, as quais têm vindo a ser debatidas por áreas diversas como a Psicologia, referindo Carapinha (2010) que o realojamento surge como “modificação das condições residenciais no sentido de uma melhoria significativa destas, leva(ndo) frequentemente à interrupção do vínculo dos indivíduos com o seu ambiente socio-

físico”. Nesta mesma tese, bem como nos documentos consultados, salta à vista a falta de condições que combatam a pobreza e exclusão social, mesmo depois de um fogo habitacional atribuído, pelo que isso torna claro que realojar não pode ficar limitado ao seu conceito físico, deve ser também visto como um conceito que requer discussão social, visto não se combater a exclusão social quando a habitação social é atribuída sempre nas mesmas zonas periféricas e assim segregando a pobreza num bairro ou em áreas limítrofes da cidade. É necessária a intervenção de políticas públicas no planeamento de programas de realojamento que integrem problemáticas como a acessibilidade a equipamentos e locais de trabalho e a oferta de infraestruturas para as famílias desde a infância até à terceira idade.

Na sequência do que é apresentado anteriormente, não se pode deixar de refletir igualmente sobre o que é a integração. Em Malheiros (1996) encontramos uma definição que consideramos ser a que se adequa ao caso em estudo. Por um lado, a integração é o acesso à cidadania plena, no sentido do acesso completo aos direitos sociais, políticos e económicos. Por outro, é importante que nunca se deixe de lembrar que a integração é um processo dinâmico que envolve mudanças nos imigrantes e nos autóctones, portanto opera mutações quer na sociedade que acolhe como na que “perde” os seus. No caso do Bairro do Armador em Lisboa, este processo é claro quando observamos e conversamos com as pessoas do bairro, quando compreendemos que pensam de determinada forma, mas agem de outra e que a limitação a alguns direitos condiciona a integração, conseqüentemente, acentua a exclusão na sociedade de acolhimento e um fechamento em si próprios, como se vê no relato das vivências observadas (“diário de bordo” no anexo 7.9). Na entrevista, onde se aborda o tema do associativismo com expressão no bairro, evidenciam-se aspetos relacionados com esta ideia de integração que, por um lado remete para a emergência da diferença cultural nos novos espaços e, por outro, requer uma interação, não só pessoal, mas também institucional, entre imigrantes e autóctones para a sua concretização:

Entrevistadora:

*Há alguma associação ligada à comunidade indiana aqui no bairro?*

Respostas dos entrevistados hindus:

*Não. Já tentámos, pedimos o espaço mas a Câmara ainda não deu. (KP)*

*Aqui não. Queriam fazer mas ainda não conseguiram (UJ)*

*Temos a Casa de Diu, que ainda não funciona mas estamos à espera que nos dêem o espaço (DK)*

Mais à frente tentámos entabular um discurso que visasse a compreensão desta temática, para saber se efetivamente havia ausência de resposta da parte da Junta ou da CML para a concretização deste desejo que está patente em cada agregado familiar hindu entrevistado:

Entrevistadora:

*Aqui no bairro... houve alguma comemoração ou manifestação na rua da comunidade indiana?*

DK:

*É a Casa de Diu. Quer dizer, é uma associação, mas eles não têm ainda uma sede. Eu queria pedir ao padre mas ainda não consegui.*

O processo de criação desta Casa de Diu, que depende dos associados e simpatizantes para fazer arrancar, parece estar parado, e a maioria dos entrevistados hindus exteriorizam as razões para a sua ainda não concretização.

Por sua vez, Pires (1999) define a integração como o conceito "...para designar, no plano micro, o modo como os actores são incorporados num espaço social comum, e, no plano macro, o modo como são compatibilizados diferentes subsistemas sociais. O domínio da integração constitui, pois, uma das dimensões do problema da ordem na medida em que envolve os modos de padronização da vida social no âmbito das articulações problemáticas entre as "partes" e o "todo" (Pires, 1999: 9). Esta definição torna-se relevante para este trabalho, se pensarmos no plano micro os diversos "mundos" dos habitantes do bairro do Armador, nas suas comunidades, nos prédios, nas relações de vizinhança e, no plano macro, a convivência desses vários modos de viver. Indo mais longe, é importante não esquecer a dimensão religiosa referida por Malheiros (1996), citando Shadid, ao considerar "a participação de minorias étnicas e religiosas, individualmente ou em grupo, na estrutura social da sociedade de acolhimento, desde que tenham possibilidades suficientes para manter os aspetos específicos da sua cultura e da sua identidade." Esta definição, que pode ser

relacionada com o processo descrito nos excertos de entrevistas que incluímos acima, pressupõe a participação social sem a perda das características pessoais. Há que nunca esquecer que a integração não é um processo homogêneo e nem sequer existe um único modelo de integração. Para uma comunidade estar integrada há que compreender muitos fatores como a interação com a comunidade de acolhimento, a intensidade dos contactos com a comunidade de origem, as práticas culturais da comunidade, tudo isto sem nunca perder de vista que estamos perante um processo dinâmico, portanto, em mudança constante.

Segundo Thomas (2013), os imigrantes tendem a fixar-se em zonas onde já estão concentrados outros imigrantes. Por norma, são zonas que ninguém quer habitar, pelos estigmas que até hoje os imigrantes carregam: violência, desocupação, degradação dos espaços públicos. Este processo, que coarta o “mix social”, referido em Malheiros *et al.* (2012), limita bastante a interação, pois muitas vezes o que se verifica é que a segregação espacial limita seriamente as relações de vizinhança. Thomas defende que a escolha da habitação é, sem dúvida, motivada pelas condições económicas de um agregado, podendo as *housing careers* dos imigrantes ser marcadas, em segundas e terceiras fases em que a disponibilidade financeira das famílias é maior, por comportamentos de assimilação espacial, que os levam a deixar os espaços mais etnicizados e a procurar zonas na cidade marcadas por maior diversidade étnica e preços de habitação atrativos. Adicionalmente, os poderes públicos podem investir em planos urbanísticos que incorporem uma dimensão de mix residencial, garantam a qualidade do espaço público e contribuam para reduzir as disparidades em termos da oferta residencial, procurando mesmo tirar partido da resiliência da comunidade. Tompkins e Adger (2004) definem a resiliência social como a capacidade de adaptação de um imigrante, consciente de que quando chega à comunidade de acolhimento, sabe que as suas escolhas serão poucas e isso refere-se também ao mercado imobiliário. Poucos são os estrangeiros que, ao chegarem a uma nova cidade, procuram uma zona longe da comunidade com a qual se sentem identificados, com referências à língua, aos hábitos culturais, e no que toca à comunidade hindu, também à religião.

Independentemente das consequências que a concentração ou dispersão de uma comunidade tragam para a integração, a habitação constitui condição *sine qua non* para uma integração bem sucedida, pois “As características do alojamento têm um impacto direto na qualidade de vida, saúde, interações sociais, bem como na incorporação dos imigrantes noutras domínios da vida social, tais como a escola e o mercado de trabalho” e “ comparativamente aos habitantes autóctones, os imigrantes e minorias étnicas pobres, normalmente estão sobrerrepresentados em alojamentos precários, sobrelotados, sem infraestruturas básicas e localizados em bairros degradados e estigmatizados.” (Fonseca, Esteves e Malheiros, 2013).

Não é uma questão de partida, nem um conceito discutido, mas considerámos pertinente dedicar umas linhas à questão do acesso à habitação pelos imigrantes. É do conhecimento geral que muitos destes agregados acabam por se fixar em bairros de habitação social, onde as rendas são mais reduzidas e têm um carácter social, reduzindo-se o risco de entrar em incumprimento de pagamento dos compromissos financeiros associados às opções residenciais que remetem para o mercado livre. Não obstante esta vantagem financeira, os bairros sociais implicam, frequentemente, algumas desvantagens em termos de qualidade e bem-estar, pois é frequente verificar que nestes bairros há um índice de degradação dos espaços, falta de infraestruturas, nomeadamente de transporte, e de equipamentos, bem como outras questões que serão abordadas pelos próprios entrevistados no âmbito desta investigação.

O problema é quando ocorre o aumento da imigração, tanto interna como externa, em contexto de mercado residencial desajustado, esta dá lugar ao crescimento do número de habitações auto-construídas de carácter precário, muitas vezes com condições insalubres e que começam a evidenciar o agravamento das carências habitacionais nas metrópoles, como aconteceu na Área Metropolitana de Lisboa (AML). Porque é que isto acontece? Muito provavelmente porque o acesso dos imigrantes à propriedade da habitação, opção dominante da oferta residencial desde os anos 80 do século XX na AML, mesmo dos que estão em situação regular, é limitado não só pelos baixos níveis dos seus rendimentos, mas também pelas barreiras no acesso ao crédito bancário para a aquisição de casa própria. A precariedade dos seus empregos, relativamente à média da população portuguesa, a instabilidade da sua

permanência no país, sobretudo quando ainda não dispõem de estatuto de residência permanente, são vistos pelas instituições bancárias como factores acrescidos de risco de incumprimento do pagamento das amortizações e dos juros devidos...

Decorre daqui, que a dificuldade em adotar soluções formais no mercado residencial, porque a oferta é escassa ou desajustada como aconteceu na AML, leva às opções pelo alojamento informal, como aconteceu em número significativo nos anos 70 e 80 do século XX. Em muitos casos, há um efeito em cadeia que faz com que alguns destes bairros assumam o carácter de “bairros étnicos”, uma vez que concentram muita população imigrante com as mesmas origens geográficas. Note-se que em cidades de países onde o controlo da construção informal é eficaz, a constituição de bairros étnicos tende a ocorrer em áreas de renda barata ou em espaços residenciais antigos que se foram progressivamente desvalorizando, ocorrendo uma transição populacional em favor dos imigrantes que espelha a antiga noção de *filtering down* da Escola de Chicago. Tomando como referência a experiência de Hiebert (2002), baseada no seu estudo etnográfico de Vancouver, verifica-se que na década de 90 cerca de 400000 imigrantes se estabeleceram na metrópole, associando-se, cada vez mais, certos bairros a determinadas etnias e grupos culturais, havendo exemplos de pessoas que procuraram sair desses espaços para poderem proporcionar aos filhos um ambiente linguístico onde o Inglês fosse a língua de comunicação. Além do destino atribuído às comunidades imigrantes, quase “forçadamente”, Hiebert salienta o problema de um processo inicial de integração que pode ocorrer nestas situações: os imigrantes acabam por não estabelecer ligações sociais e culturais fora da sua comunidade, agarram-se muito aos laços fortes (família) e pouco ou nada aos fracos (vizinhos), contribuindo cada vez mais para a sua segregação. A redução das interações entre pessoas diferentes, condiciona uma verdadeira construção da cidade intercultural, onde se deseja vislumbrar o reconhecimento do direito à diferença, a promoção e valorização da diversidade cultural e da interacção positiva entre vários grupos étnico-culturais (Sandercock, 2004). Essa redução ou inexistência de interação leva à segregação. Harrison (2003: 65) aponta algumas das divisões das cidades no Reino Unido, nas quais o mercado habitacional “separa e segrega famílias em função da sua capacidade financeira, de tal forma que há uma tendência para a segregação

territorial através do mecanismo de fixação de preços.” Este autor utiliza a expressão “aglomerados étnicos”, para explicar que estes são o resultado da concentração de imigrantes recém-chegados em determinadas zonas de habitação social, que, de certa forma, estão destinadas para estes fins. O mercado habitacional em Londres tende a classificar os clientes através dos riscos que estes representam, o que provoca claramente o “aglomerado” que escrevemos acima. Claro está que isto reproduz uma postura de fechamento que dificilmente se rompe, podendo conduzir a situações de segregação extrema que transforma certos bairros em guetos. Sublinhamos igualmente que a interação entre os diferentes habitantes de um bairro, a promoção de um social mix não é a solução única para a criação de relações e laços fortes. Como afirmam Fonseca e McGarrigle (2012), “As políticas de desegregação fundamentam-se no pressuposto de que o contacto entre indivíduos de distintas origens sociais e étnicas, não só proporciona maiores oportunidades sociais aos menos privilegiados, como promove a coesão social de sociedades diversas”(…) mas “a promoção de “social mix” através das políticas de habitação, só por si, não é suficiente para promover interações positivas entre a população nativa e imigrante. (...), são necessárias relações de amizade e formas de relacionamento mais íntimo para que as atitudes discriminatórias se reduzam significativamente.(…) e o estabelecimento de contactos próximos é uma condição necessária para o desenvolvimento de relações mais profundas, que por sua vez exercem um impacto mais amplo sobre as atitudes - o que é fundamental para a coesão social.” E assim sim, estaremos a caminho de uma cidade efectivamente intercultural, um bairro que espelha essa cidade, cidadãos que dialogam com pessoas que podem não partilhar os mesmos hábitos culinários, religiosos ou musicais, mas que encontram interesse na descoberta dos seus diferentes, para que as teias sociais possam servir para a participação social e cívica plenas.

## 1.2 Problematização e objetivos

Esta tese centra-se na organização da vida social e nas relações entre a população hindu do Bairro do Armador e os restantes residentes, na sequência do seu processo de realojamento. Torna-se assim necessário, antes de analisar a situação presente do Bairro do Armador, compreender melhor o contexto anterior, que justificou a instalação dos moradores hindus neste local.

O processo de realojamento decorreu de forma regular, pois os moradores da Quinta da Holandesa (neste caso, para o nosso estudo, centramo-nos na comunidade hindu) foram realojados e na sua maioria tiveram a atribuição de um forgo habitacional no bairro do Armador. Após esse período, o qual finalizou em inícios de 2000, o que aconteceu? A breve discussão de conceitos, como o realojamento, a integração residencial e o social mix no sub-capítulo 1.1, será o ponto de partida para verificar quais são os elementos que unem o bairro a esta comunidade e que interações existem entre os hindus e os restantes habitantes do Armador. Para dar resposta a questões “Como é que o bairro olha para esta comunidade e como é que esta comunidade olha para o bairro?”; compreendemos a importância de ouvir as pessoas, confrontá-las com desafios que pressupõem uma verdadeira interação, a qual dá lugar à integração num mix social e valida a definição social de realojamento, brevemente discutida em 1.1. Todo o processo começou com as perguntas de partida, que mesmo sendo explícitas, parecem ter criado ainda mais dúvidas em determinada altura da investigação. Se por um lado era claro que se queria perceber como são as vidas das famílias indianas no bairro e porque é que em toda a freguesia este bairro está associado a esta etnia, quando pouca ou nenhuma participação político-social se observa, por outro permanecem dúvidas sobre o que é a integração para este grupo étnico, sobretudo atendendo a que está em constante transformação.

O realojamento vem na sequência da vontade das entidades públicas de dar resposta à proliferação do bairro de lata que se encontrava numa das faixas mais importantes da cidade, a famosa “Quinta da Holandesa”, colada às “Quinta do Passarinho” e “Quinta da Montanha”, que nos anos 90 e inícios de 2000 constituíam o conjunto de barracas do Vale do Areeiro (figuras 4 e 5). Mas realojar consistiu apenas

em atribuir um novo alojamento, supostamente de melhor qualidade, ou procurou-se melhorar a vida social em todos os planos e cortar com a segregação da comunidade hindu já existente nos locais de anterior residência ? É isso que procuraremos abordar nos próximos pontos.

### 1.3 Metodologia

Considerando as características da população, optou-se por uma metodologia qualitativa, baseada na observação das interpretações realizadas pelos próprios sujeitos participantes e pela reflexão. Porque os observados e entrevistados deviam sentir-se livres e sem restrições, não se poderia optar por outra forma que não a narração, acompanhada de algumas perguntas previamente preparadas pela investigadora, pois esta forma de actuação levou os entrevistados a pensar livremente sobre temas, objetos ou conceitos. O instrumento de recolha de dados foi essencialmente a entrevista gravada com um pequeno aparelho levado pela entrevistadora, mas também um “diário de campo”, que permitiu recolher logo depois dos encontros, algumas informações que se recebiam pelo código comportamental ou pelo discurso, em particular nos momentos em que o aparelho de gravação estava desligado. As entrevistas foram efetuadas com a construção de um guião que adveio após a pesquisa (anexos 7.1 e 7.2). O guião contempla um conjunto de questões que permitem aferir os indicadores de integração económica e das representações face ao bairro e à casa. Após a realização das primeiras entrevistas houve necessidade de estabelecer objectivos bem definidos associados a cada pergunta, o que ajudou na validação das próprias perguntas tendo em consideração os objectivos gerais da investigação. A duração média das entrevistas foi de cerca de 20 minutos, embora o tempo de permanência nas casas indianas tenha sido bastante superior, situando-se geralmente em torno de uma hora. Segundo Martinelli (1999: 21-22), é relevante a pesquisa qualitativa, pois atribui significado ao sentido que as pessoas dão aos seus percursos e vidas, à interpretação que fazem das suas escolhas, e permite ao investigador atribuir uma singularidade única ao entrevistado.

Para que a recolha abrangesse um grupo diversificado, foram entrevistadas 8 pessoas de etnia portuguesa e 5 de etnia indiana (ver Quadro 1). Além das entrevistas realizadas a estas pessoas, a investigadora visitou as famílias indianas quinzenalmente, sobretudo o universo feminino das casas indianas, que se aproximaram da investigadora numa fase inicial por curiosidade, indagando acerca das razões que motivavam a realização de um estudo sem auferir remuneração e

sem juízos de valor. A razão para o menor número de indivíduos inquiridos de etnia indiana, em relação aos de etnia portuguesa, deve-se ao facto de nos termos deparado com fortes movimentos migratórios da comunidade indiana, sempre dentro do espaço transnacional da diáspora, motivados pela falta de trabalho e pela busca de novas oportunidades em locais onde existem condições para o acolhimento, devido à presença de algum familiar que já aí reside. Cachado (2012:131) escreveu na sua etnografia sobre isto, reafirmando que a grande maioria emigra para o Reino Unido. Além deste constrangimento, há que referir as dificuldades inerentes ao desenvolvimento de uma investigação num bairro onde não conhecíamos a maioria dos residentes nem tínhamos contacto privilegiado com qualquer das entidades que aí desenvolvem ou desenvolveram actividade.

Com as famílias portuguesas, os primeiros contactos foram estabelecidos através da paróquia e depois foram as próprias famílias que nos indicaram outras suas conhecidas. Sem a pressão que sentimos quanto à possibilidade de emigração dos membros de algumas famílias indianas, tivemos com as famílias portuguesas a mesma abordagem metodológica. Alguns meses após a primeira entrevista voltámos a conversar com estas pessoas para compreender se o material recolhido na abordagem inicial era autêntico ou se se tratava apenas de uma narrativa considerada adequada às expectativas de uma investigação académica. Não raras vezes nos questionaram se tinham razão no que tinham respondido.

No quadro que se segue, mostramos o perfil da população entrevistada. Para preservar a identidade de cada entrevistado, optámos por lhe atribuir duas letras e enquadrá-lo num de dois grandes grupos, segundo a sua origem, portuguesa ou indiana.

**Quadro 1- Caracterização geral da amostra**

Entr.	Sexo	Idade	Naturalidade	Tipologia da habitação	Origem	Nacionalidade	Agreg. Familiar
<b>KP</b>	F	53	Diu	Duplex T4	India	Portuguesa	5
<b>UJ</b>	F	44	Moçambique	Duplex T4	India	Portuguesa	5
<b>XJ</b>	F	20	Portugal	Duplex T4	India	Portuguesa	5
<b>DK</b>	M	56	Moçambique	Cooperativa - T3	India	Portuguesa	4
<b>JK</b>	M	26	Portugal	T3	India	Portuguesa	6
<b>MCJ</b>	F	40	Portugal	Cooperativa - T3	Portugal	Portuguesa	3
<b>PD</b>	F	38	Portugal	T3	Portugal	Portuguesa	4
<b>MJ</b>	F	41	Portugal	T3	Portugal	Portuguesa	4
<b>JH</b>	M	53	Portugal	Cooperativa - T3	Portugal	Portuguesa	3
<b>NG</b>	M	20	Portugal	T3	Portugal	Portuguesa	4
<b>TBP</b>	F	53	Portugal	Cooperativa - T3	Portugal	Portuguesa	4
<b>CBP</b>	F	18	Portugal	Cooperativa - T3	Portugal	Portuguesa	4
<b>FBP</b>	M	19	Portugal	Cooperativa - T3	Portugal	Portuguesa	4

A grande maioria das pessoas de origem indiana que vive neste bairro vem essencialmente de Diu/Fudam (Oeste de Diu), possuindo trajetos migratórios de algum modo semelhantes aos descritos em “A comunidade Hindu da Quinta da Holandesa: um estudo antropológico sobre a Organização Sócio-espacial da casa”,

realizado por Susana Trovão em 1990 e que trata de migrantes hindus chegados a Portugal em finais dos anos 70 do século XX.

Procurou-se abranger diferentes locais de residência no interior do bairro, pois coexistem nesta zona alojamentos de habitação social, de cooperativa e alojamentos condomínios fechados. Nestes últimos, não foi possível inquirir qualquer dos residentes, pois não se encontrou quem estivesse disponível para responder, situação frequente na abordagem aos moradores de áreas residenciais com estas características.

O mesmo cuidado tivemos em relação às idades, uma vez que é importante entender como se relaciona um jovem com a diferença e como o faz um adulto. Já no que respeita à repartição dos entrevistados por sexos, o desequilíbrio existente decorre, por um lado da entrada no bairro se ter feito através de uma informadora privilegiada do sexo feminino e, por outro, de as diferenças culturais facilitarem o contacto com as mulheres e funcionarem como barreira para a interacção com os homens.

## **2. Realojamento e população de origem indiana: Contextualização geográfica e social**

### **2.1 Realojamento em Lisboa**

#### **2.1.1 Processos de realojamento em Lisboa**

Na década de 1980, a diversificação de origens dos imigrantes aumentou e com ela os problemas da habitação, pois a tendência para se fixarem nas zonas intersticiais desocupadas ou suburbanas da AML, em alojamentos precários e/ou sobrelotados, dificultou a capacidade de resposta no que respeita ao realojamento.

Em 1987, o Plano de Intervenção a Médio Prazo (PIMP), cujo objetivo era a construção de quase 10.000 fogos habitacionais, fruto de um protocolo entre o Instituto Nacional de Habitação (INH) e o Instituto de Gestão e Alienação do Património Habitacional do Estado (IGAPHE), destinava-se a combater a ocupação de áreas de circulação fulcrais da capital e a erradicar as barracas que eram autênticas concentrações de exclusão económica e social, localizadas à entrada de uma capital europeia. Até inícios de 90, a construção não foi muito significativa, cedo se verificando que os números eram insuficientes. Para colmatar todo o problema da habitação em Lisboa, criado em parte pela concentração das comunidades imigrantes bem como dos intensos fluxos imigratórios decorrentes do forte êxodo rural observado em décadas anteriores, tornava-se necessário ampliar a resposta. Assim, o recenseamento de 1991 trouxe o *input* necessário para um novo ponto de partida do PIMP, pois mostrou a real dimensão da habitação designada como “não clássica” na capital, tornado-se urgente dar uma resposta à proliferação de núcleos degradados que dominavam a entrada de Lisboa, e estavam à vista de todos. O PIMP vigorou entre 1987 e 1993, dando lugar ao Programa Especial de Realojamento (PER), D.L. 163/83, de 7 de maio, sujeito a várias alterações posteriores (D.L. 93/95, de 9 de maio; Lei 34/96, de 29 de agosto; D.L. 1/2001, de 4 de janeiro), apoiado pelo Instituto Nacional de Habitação, através do qual se pretendia erradicar os bairros de casas “pré-fabricadas” existentes nas áreas metropolitanas do Porto e de Lisboa. No entanto, o arrastamento do processo PER por quase 20 anos, trouxe problemas de realojamento

a imigrantes que chegaram após o Recenseamento de 1993<sup>2</sup>, que se manteve como a base do processo ao longo de todo o período. “ O recenseamento inicial do PER, realizado em 1993, abrangeu 10.030 alojamentos precários, habitados por 37.299 pessoas, a que correspondiam 11.129 agregados a realojar. (...) Devemos salientar que para o Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana- IHRU este é o único recenseamento reconhecido, não sendo validadas por este organismo as atualizações posteriores efetuadas pelo Município de Lisboa, com inclusão de mais núcleos habitacionais e consequentemente de mais famílias.” Sobre o PER, Rita Ávila Cachado resume os estudos mais relevantes que desde 1994 foram produzidos ao serviço da reflexão sobre a habitação social, afirmando ‘Sem intenções de exaustividade, salienta(mos) alguns trabalhos que foram publicados durante a implementação do PER, sobre o próprio ou sobre outros processos de realojamento em habitação social: Freitas (1994); Gros (1994); Guerra (1994); Pinto (1998)...’ (Cachado, 2013: 135) .Importa compreender as grandes linhas de ação do PER: a construção de fogos habitacionais, equipamentos sociais, infraestruturas, erradicação de barracas, realojamento das pessoas próximas dos bairros demolidos (levando por vezes a que os bairros fossem construídos por fases e que fosse faseado o realojamento) e promoção de um acompanhamento adequado dos agregados familiares. Para a gestão habitacional dos bairros municipais, foi criada em Lisboa uma empresa municipal (GEBALIS – Gestão dos Bairros de Lisboa), com gabinetes técnicos nos principais bairros. No caso do bairro do Armador, este gabinete funcionou até 2012, momento em que abriu a loja do cidadão no bairro da Flamenga e se transferiu o espaço da Gebalis para aí Acerca do envolvimento das várias organizações, no caso concreto do realojamento em Chelas, sabemos que decorreram reuniões com algumas das instituições que já tinham alguma representatividade no vale de Chelas, informações que nos foram fornecidas pelos responsáveis da paróquia de São Maximiliano Kolbe, a qual abrange a área do Bairro do Armador, segundo o Patriarcado de Lisboa. Em 2012, foram concluídos quer o PIMP, quer o PER. Estavam

---

<sup>2</sup>Entre as pessoas da Quinta da Holandesa, houve 69 saídas do realojamento (incluindo por falecimento), de acordo com a informação recolhida na base de dados Gtbase, disponibilizada pela CML e consultada a 18 de Fevereiro de 2015.

então construídos 16 313 fogos habitacionais em Lisboa, realojada a grande maioria das famílias que inicialmente tinham requerido uma habitação social e indemnizadas as que não se enquadravam, pelas mais variadas razões, nas orientações estipuladas pelo PER.

Findas mais de duas décadas de projetos de realojamento e feita a apresentação do que se tornou um dos maiores processos de realojamento jamais visto em Portugal, não poderíamos deixar de salientar um aspeto importante que se prende com os objetivos de um realojamento, referidos no ponto 1.1. Houve efetivamente uma melhoria nas condições de vida das pessoas que foram realojadas? Socialmente, economicamente... o facto de ter ido viver para um prédio, num bairro como o do Armador... fez a diferença? Em que medida? Estas pessoas sentem este espaço como seu? Confiam os seus filhos às ruas e estradas, aos vizinhos do bairro? Cachado (2013) alerta para a questão das imprudências do PER, referidas por Ferreira em 1994, portanto quase no início do sonho: “O PER tem à partida todos os ingredientes para o desastre: construção massiva, realojamentos concentrados, populações de grande precariedade económica e com graves problemas sociais, serviço de administração burocratizados” (Ferreira,1994:10, citado por Cachado, 2013: 143). Não esqueçamos igualmente o perigo de incorrer na sedução de ver os números a crescer, em vez do conhecimento da população alvo, das necessidades e desafios das pessoas a realojar “(...) Maria João Freitas chama a atenção para o facto de muitos realojamentos tenderem a cumprir objetivos quantitativos- número máximo de famílias realojadas- em vez de procurarem em primeiro lugar que a intervenção do realojamento seja feita em prol das populações alvo (Cachado, 2013).

Durante a implementação do PER decorreram alguns seminários que refletiam sobre o processo de realojamento sob a perspectiva não só técnica como também social. Ainda em Cachado (2013) encontramos algumas referências que são relevantes, sobretudo se pensarmos nas inquietações durante a primeira década da implementação do programa, as quais poderiam ser iguais nos dias de hoje. Exemplo disso foi o seminário “Pensar o realojamento”, promovido pelo Centro de Estudos Territoriais (CET), que entre diversas motivações para a sua realização, pretendia refletir sobre as populações e conhecê-las. Encontramos em Cachado (2013) inúmeras

citações que concernem às preocupações manifestadas por técnicos e académicos, relativamente às questões de teor mais social. Porque é que referimos isto aqui? Porque nos pareceu curioso que o trabalho de terreno efetuado durante a implementação do programa, invocasse questões que após vinte anos permanecem atuais e cada vez mais dignas de discussão.

No caso específico da área de Chelas, é necessário falar de outros bairros de casas pré-fabricadas como o Bairro do Relógio e não se pode deixar de pensar ainda no conceito de bairro. Cachado (2012:30) refere uma das definições, que para nós é pertinente perante o tema desta investigação: os bairros são, antes de tudo, construções sociais. Contudo, para ser mais claro em termos temporais, recuemos à década de 1960, altura em que o Bairro do Relógio foi construído provisoriamente para realojar as famílias de Alcântara que tinham perdido as suas habitações por conta da construção da ponte 25 de abril. Mas associadas a estas pessoas, e até após alguns casos de sucesso (poucos) de agregados que resolveram sozinhos os seus problemas de alojamento, ocorre também a chegada de algumas famílias de Cabo Verde e de Angola, cujos chefes de família vinham para trabalhar na construção civil. Decorrente do realojamento, a partir de 1989, inicia-se o processo de construção dos fogos habitacionais nas zonas envolventes. A procura de habitação é claramente superior à capacidade de resposta do Estado. As famílias manifestaram o desejo de terem cada uma um espaço próprio, sem terem de partilhar a habitação com outro agregado, começando a verificar-se os desdobramentos de famílias que requerem mais fogos habitacionais.

Por se tratar de querermos enquadrar os conceitos abordados na vida e nas dinâmicas da comunidade indiana, referimos brevemente o caso britânico, espaço privilegiado da diáspora indiana, e portanto relevante para o caso. Cachado (2012) refere que no contexto britânico, o governo sentiu a necessidade de construir habitações por causa do enorme fluxo migratório, consequência da independência dos territórios coloniais, à semelhança de Portugal. Notemos ainda o referido em 1.1, sobre a questão de um mercado habitacional que, pela imposição dos preços, acaba por ditar automaticamente quem vive com quem e em que zona. Neste momento, em redes sociais e até em testemunhos em primeira pessoa, são os próprios portugueses a

corroborar com essas teorias, referindo-se com total naturalidade ao “Bairro dos indianos”, “Bairro dos portugueses” e até a imprensa participa nessa nomenclatura, pois se recuarmos no tempo até julho de 2006, no jogo de futebol Portugal-Inglaterra em que Portugal venceu, lemos e ouvimos relatos da imprensa a testemunharem que “no bairro dos portugueses” houve confrontos.

## 2.1.2 Das barracas do Vale do Areeiro ao realojamento em Chelas

Antes de chegarmos ao Bairro do Armador, uma vez que esta tese parte da Quinta da Holandesa, há que conhecer melhor qual a situação do Vale do Areeiro. Recuemos um pouco no tempo. Castro e Freitas (1991) explicam como podemos dividir o espaço para melhor compreendermos a “Quinta da Holandesa “. Próximo do que hoje conhecemos como a Praça Francisco Sá Carneiro, rotunda do Areeiro, onde ficavam os antigos registos centrais, existiam três bairros diferentes, chamados “Quinta da Holandesa “, “Quinta da Montanha” e “Quinta dos Passarinhos”. Estes nomes tiveram origem nos nomes originais das quintas que, no início do século XX, se consideravam localizadas fora da cidade. Eram, de facto, espaços privilegiados, onde habitavam poucas dezenas de pessoas, que exploravam as quintas para proveito próprio e nem sequer sonhavam com o desenvolvimento que aquela zona viria a ter nos dias de hoje. Recorde-se que presentemente o Areeiro é parte central de chegada a Lisboa- centro, se considerarmos que do aeroporto ao Rossio, passa-se quase obrigatoriamente pela Avenida Estados Unidos da América.

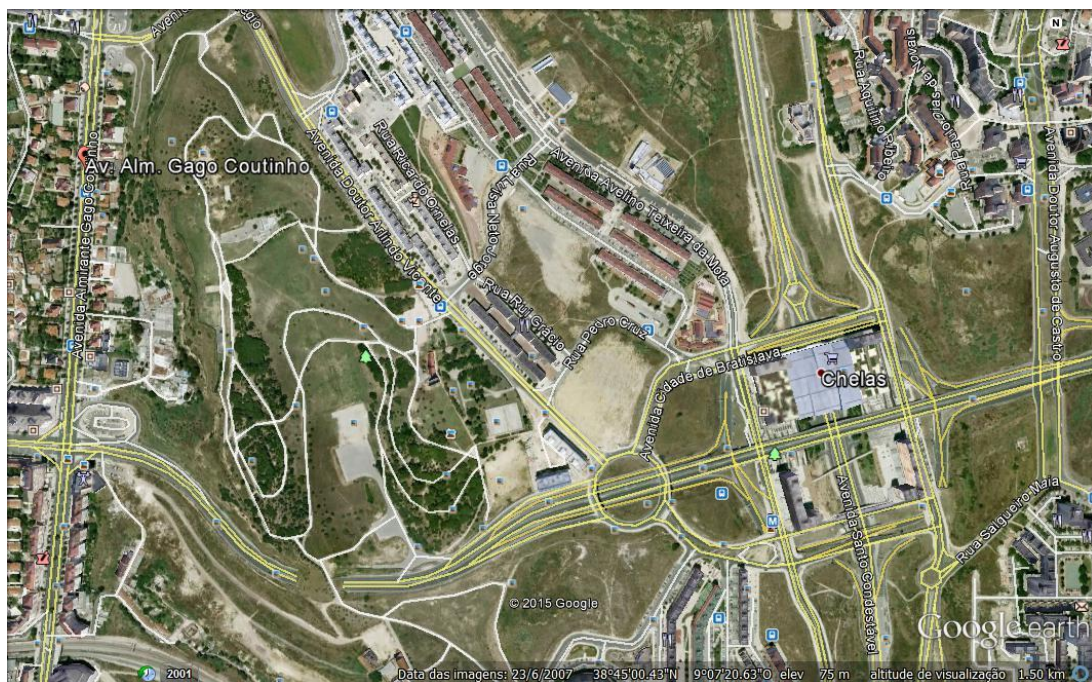
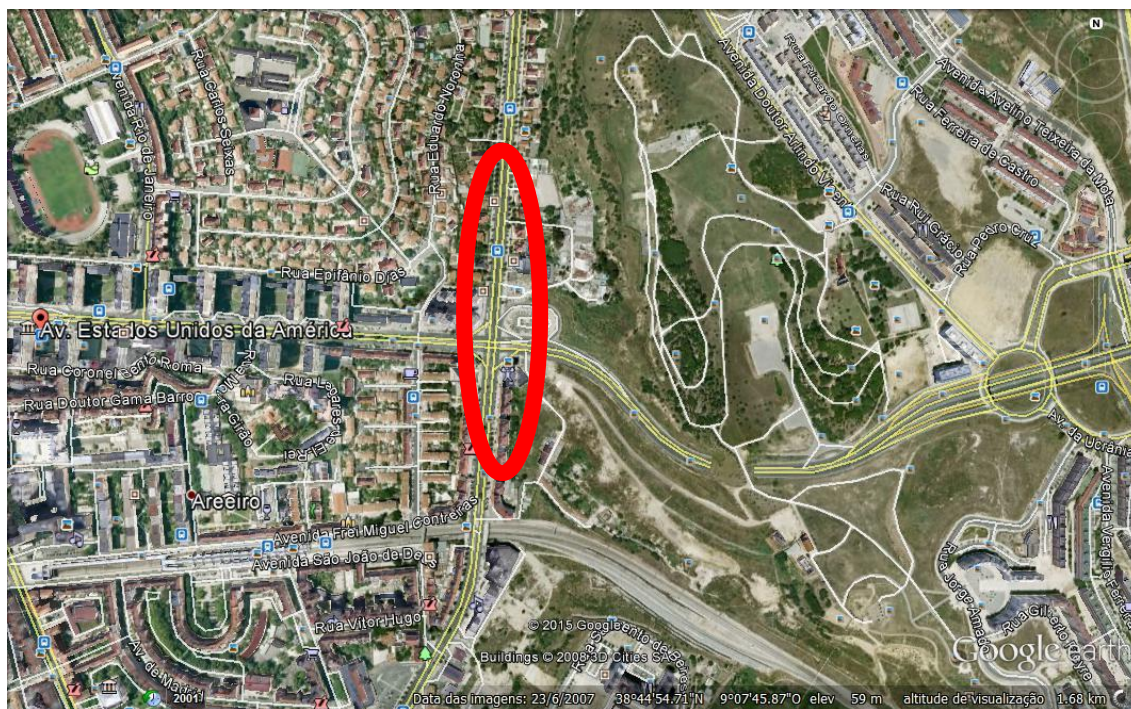
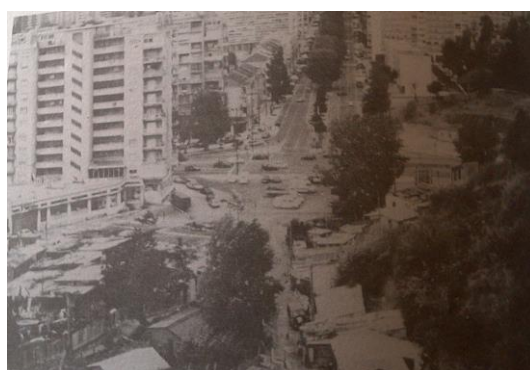


Figura 1: Imagem da Avenida Almirante Gago Coutinho, da Google Earth (2007). À direita o Bairro do Armador



**Figura 2:** Imagem da Avenida Almirante Gago Coutinho+ Estados Unidos da América, da Google Earth (2007).

Quem percorreu a pé aquela zona nesse período, sabe que se tratava de percursos pedonais estreitos, sempre enlameados, carregados de olhares desconfiados e de muitas cores e cheiros étnicos, não deixando margem para dúvidas de que ali moravam indianos. A Quinta da Holandesa e a da Montanha estavam apenas separadas pela linha do comboio, lembrando, de algum modo, a entrada em Mumbai. A 10 metros da pista de aterragem visualiza-se um amontoado de barracas, todas muito coladas sem espaço para caminhar, para colocar o que seja entre uma habitação e outra, sem margem para sequer ter alguma privacidade.



**Figura 3:** Quinta da Montanha e Avenida Estados Unidos da América<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Imagem de Castro e Freitas (1991: 66).



**Figura 4:** Quinta da Montanha e Quinta da Holandesa, separadas pela linha do comboio<sup>4</sup>

Cedo a presença de comunidades como a indiana ou a africana são reconhecidas também pelos produtos étnicos que no bairro se podiam adquirir, talvez fruto do recheio das bagagens dos familiares que chegavam sem parar e que fizeram proliferar o número de barracas num curto período de tempo. Castro e Freitas (1991) fazem referência a um espaço mais organizado na Quinta da Montanha, facto que a investigadora não pode testemunhar por não ter uma memória clara da organização espacial nesse período.

As autoras indicam que, a Quinta da Holandesa tinha 1343 habitantes, dos quais 731 eram homens, restantes mulheres (Castro e Freitas, 1991:71). Mais atualizada a base de dados da Câmara Municipal de Lisboa (CML), “Base de Dados Gtbase”, consultada em 18 de Fevereiro de 2015, identificava 1737 pessoas, à data do realojamento (anexo 7.8). Passaremos a utilizar a terminologia usada em Castro e Ferreira, por nos socorrermos dos dados estatísticos deste estudo. As autoras dividem os grupos étnicos presentes no Vale em Indianos, Negros, Brancos, Não classificados e Outros. As percentagens apuradas revelam que a maioria dos habitantes era de origem étnica Indiana, em segundo, quase na mesma percentagem, Brancos e uma reduzida taxa de negros. Esta situação não deixa de ser reveladora do que também este estudo irá demonstrar mais a frente, de que realmente a identificação da presença de uma

---

<sup>4</sup> Imagem de Castro e Freitas (1991: 68).

comunidade e da sua generalização confinada a esse espaço é muito limitativa, pois quase exclui ou anula a presença de outras comunidades que, talvez, estejam presentes, e em número significativo, quase até superior à comunidade indiana. Ser-nos-à, porém, impossível definir números por etnias, por sabermos que nenhuma base de dados estatística pode distinguir os indivíduos pelas etnias. Seria igualmente difícil se procurássemos as naturalidades, pois apesar de termos consciência que a maioria dos indivíduos de origem indiana nasceu na Índia, em Moçambique ou em Portugal (segundas e terceiras gerações), a verdade é que não nos debruçámos sobre as naturalidades dos indivíduos de outras origens, pelo que poderíamos incorrer em erros que condicionassem a veracidade do nosso estudo. Por outro lado, pode também analisar-se a presença forte dessa mesma comunidade pela sua coesão ou por características que acabam por marcar o território como um espaço que fisicamente pertence a Lisboa, mas culturalmente é um pedaço de Diu, facto que não acontecia na Quinta da Holandesa com as outras comunidades, nem acontece no bairro do Armador. Considerando a proporção de cada grupo étnico nas três quintas, é notória a distorção que a comunidade indiana poderá provocar enquanto presença maioritária nestes espaços. De facto, apenas na Quinta da Holandesa a presença da comunidade indiana é maior. Nas quintas da Montanha e dos Passarinhos, os grupos maioritários são o dos brancos na primeira e dos negros na segunda. De certa forma, percebe-se também aqui uma separação étnica, de carácter espontâneo, na instalação dos indivíduos que foram chegando das ex-colónias africanas ou do interior do continente português, e que se sentiam mais integrados numa quinta do que na outra, por uma questão de identificação com o espaço e com as pessoas que lá residiam.

No estudo de Castro e Freitas (1991), os dados disponíveis acerca da naturalidade dos indivíduos classificados de “indianos” indica que a grande maioria nasceu já em Moçambique, fruto dos fluxos migratórios dos séculos XIX e inícios de XX. Por esse motivo, observa-se um “pico” de chegadas à Quinta da Holandesa entre 75 e 80, precisamente de Moçambique, pois a guerra inviabilizou a manutenção de circuitos comerciais utilizados pelos indianos em Moçambique e até mesmo em outros territórios da costa africana e que asseguravam a prosperidade destas famílias. Outros vieram da Índia e alguns nasceram já em Portugal, e possivelmente constituem a

designada segunda geração. Há que lembrar igualmente que a estrutura etária dos indivíduos indianos é reveladora do processo migratório que a comunidade tinha e que, de certa forma, mantém até hoje. O número de homens em idade ativa supera em larga medida o número de mulheres. Por motivos laborais, os homens frequentemente partem primeiro para organizar o espaço, encontrar as condições necessárias para que a mulher e os filhos possam chegar com as condições perfeitas de adaptação. É assim também em Goa, onde se encontram inúmeras esposas cujos maridos estão emigrados na Arábia Saudita ou no Dubai, e que regressam uma vez por ano, por vezes para conhecer o filho que já nasceu durante a sua ausência. Lembre-se que a grande maioria destes indivíduos quando chegava a Portugal encontrava trabalho na construção civil, e que o mercado de trabalho para as suas mulheres, que eram essencialmente empregadas domésticas, ainda não oferecia muitas oportunidades. Este quadro alterou-se nos anos 1990/2000, com a melhoria do nível médio dos rendimentos da classe média portuguesa, aspeto que altera a atividade femininina na comunidade indiana pois aumenta a possibilidade de contratação de empregadas domésticas. Acresce-se a isto a questão da língua, problema até hoje observado e que pudemos comprovar durante o período das entrevistas no Bairro do Armador, em que nos cruzámos com senhoras indianas mais idosas que não compreendem Português, ou mesmo algumas que chegaram nos anos 80 com 20 e poucos anos de idade, e que até hoje mantêm um nível de conversação pouco fluente na língua portuguesa.

Importa ainda referir os tipos de agregados que habitavam na Quinta da Holandesa. Segundo Castro e Freitas (1991: 93), a maioria das famílias indianas que residia nas quintas do Vale do Areeiro pertence a agregados familiares múltiplos (aqueles que são constituídos por três ou mais núcleos ligados por parentesco). Isto mesmo foi descrito nas entrevistas que realizámos, quando uma das inquiridas de origem indiana referiu o facto de habitar com mais famílias. Na altura era frequente encontrar o titular da habitação, a sua esposa, um cunhado, uma cunhada e entretanto os filhos que iam nascendo... por vezes os sogros:

*Vivia numa barraca de madeira onde entrava frio e bichos. Tinha filhos pequenos e não podia deixar que aquilo continuasse. Vivíamos com outras tantas famílias, tudo junto na mesma barraca, uma confusão... KJ (cf Diário de Bordo-anexo 7.9 )*

Passemos à transição em termos históricos, das barracas do Areeiro aos prédios do Armador. O bairro do Armador é uma consequência das necessidades que os agregados tinham manifestado e por isso será o espaço que servirá também para realojar a população da Quinta da Holandesa, ainda esquecida no Areeiro. De facto, na década de 80 são poucos os que se lembram de ouvir falar da população do Vale do Areeiro, apesar de se saber que os recenseamentos já tinham decorrido e que havia já a promessa de condições melhores para a habitação. Segundo Heitor (1996),” os estudos para a área de Chelas são iniciados pelo Gabinete Técnico de Habitação (GTH) em 1960 com o objectivo prioritário de incrementar uma estrutura urbana plurifuncional e socialmente diversificada, integrada no conjunto da cidade e articulada com a zona ribeirinha até Vila-Franca-de-Xira” (Heitor, 1996). Parece-nos relevante incluir referências técnicas e históricas, pois há que recordar que Chelas era um aglomerado de terrenos privados e até à década de 60 a CML tinha adquirido pouco mais de 50 parcelas, aspeto que inviabilizou a aplicação do Plano de Urbanização de Chelas, na sua origem. Contudo, este acabaria por ser paulatinamente implementado, ainda que não na sua totalidade, a partir dos anos 70 do século XX, transformando Chelas numa vasta área de habitação social. Contudo, a lentidão das intervenções técnicas e sociais sempre com muitas condicionantes externas, poderá ser uma das explicações para o facto do processo de realojamento ter demorado tanto, chegando mesmo ao século XXI.

## 2.2 A população de origem indiana em Portugal: o caso da comunidade Hindu

É sabido que quando falamos de indianos em Portugal, não se pode generalizar nem incluir todos os indivíduos que comungam das mesmas raízes geográficas ou possuem traços físicos de etnia indiana. Malheiros (1996: 13) classificou os indivíduos de origem indiana em quatro grupos: “(...) Actualmente pode considerar-se a existência de quatro comunidades de origem indiana em Portugal (hindu, ismailita, muçulmana e goesa) (...)”. Hoje talvez seja possível considerar, pelo menos, um quinto grupo, resultado de imigrações mais recentes, que corresponde aos sikhs. Sabemos que a grande maioria tem um modo de estar relativamente semelhante e que é fácil incorrer numa tipificação simplificadora, generalizando que todos não comem carne de vaca, ou que todos vêm de Goa. Não é assim. Grande parte dos indivíduos de origem indiana, que entraram em Portugal após o 25 de abril, provinha de correntes migratórias que tinham o seguinte percurso: Índia-Moçambique-Portugal. Muito dessa corrente migratória manteve-se, por causa da facilidade que as redes de solidariedade exercem nestes grupos.

Para este trabalho é também relevante referir que, de um modo geral, os portugueses sentem alguma simpatia pela população indiana, aspeto que poderá ser lido no estudo, através das respostas dadas pelos inquiridos. Esse sentimento vem associado maioritariamente à atitude pacífica que é atribuída aos indivíduos de origem indiana e pelos seus hábitos sociais:

*Digo-te já [para a entrevistadora] que prefiro muito mais os indianos aos ciganos. São sossegadinhos e saem de manhã cedo para os seus trabalhos. Não se metem com ninguém. (PD, depois do gravador desligado).*

Não deixa de ser curioso que uma das comunidades – os hindus - que mais tende a manter a sua identidade, através de gestos e práticas que explicaremos aqui, seja a que é vista como um caso de sucesso de integração.

Dentro dos 4 grupos mencionados por Malheiros (1996: 13), convém deixar claro que este estudo terá essencialmente como referência o grupo hindu, por ser

maioritariamente aquele que habita no Bairro do Armador, como, aliás, já foi brevemente enunciado na introdução. De sublinhar que Cohen (1985), citado por Cachado (2012:61), “apelida uma população de comunidade, ao admitir duas variáveis na sua problematização: (1) a percepção de elementos culturais em comum que um dado grupo tem, bem como (2) o sentimento de pertença a esse mesmo grupo”. Para o caso dos hindus, a originalidade e a primazia da religião, elemento estruturante em termos culturais, é um aspeto fulcral na sua identificação enquanto comunidade, nos termos de Cohen, sendo de realçar que isto esteve sempre presente ao longo da nossa investigação, quer em termos de sinais materiais nos locais em que eramos recebidos, quer pelas conversas informais.

Recuando um pouco, não podemos deixar de lembrar o papel da descolonização de Moçambique na presença e constituição das comunidades indianas em Portugal, particularizando, no nosso caso, para o grupo religioso hindu. Não é objetivo deste estudo fazer um relatório sobre o percurso migratório da população indiana em Portugal; contudo, é interessante entender quando e porquê chegaram tantos indianos nas décadas de 70 e 80 do século XX. O primeiro fluxo de chegada destes imigrantes dá-se na década de 70 após a independência de Moçambique. A necessidade de manter a cidadania e o medo da instabilidade política traz a Portugal estes portugueses da comunidade indiana. O segundo momento de chegada intensa está entre 1980 e 1985. Segundo Malheiros (1996: 143) *“só abandonaram o país quando as condições económicas e políticas se deterioraram significativamente.”* Os laços familiares, a manutenção desses laços e a forte solidariedade no acolhimento fez com que aumentasse significativamente a chegada de muitos indianos em finais de 1989.

Um quadro ilustrativo de Malheiros (1996: 96) demonstra a tendência dos imigrantes de origem asiática a se fixarem muito mais na AML norte do que noutras regiões. Em termos de profissões, a grande maioria dos membros pertencentes a esta comunidade são aquilo que na Índia seria definido como os *cariás*, pessoas humildes, com profissões ligadas ao comércio ou a construção civil (eles), e domésticas (elas). Quem vive por exemplo no bairro do Armador vê pelas 7h.45m muitas senhoras de Saree a passarem a ponte das Olaias a pé para levarem as crianças à escola.

Quando se fala de famílias indianas, não pode ser menosprezada a religião. De facto, em Cachado (2012) é constante a referência às palavras “religião” e templo, pois o tema da religião estava subjacente a todas as conversas. Neste bairro, como festa religiosa significativa, celebra-se o Holi, que comumente é conhecido como festival das cores. Entre fevereiro e março, o bairro assinala a chegada da primavera, com a dispersão de pós coloridos e uma roda à volta da fogueira, às portas de uma das suas entradas mais importantes (próximo do supermercado, com dois cafés, muito movimento, paragens do autocarro). Os festejos simbolizam as travessuras do jovem Krishna e são realizados com as pessoas da comunidade que partilham iguarias. Outra das festas com alguma visibilidade é o Diwali, o ano novo Hindu, por isso é chamado também de festa das luzes. As comemorações duram cinco dias, e acontecem entre outubro e novembro. É costume usar roupas novas, enfeitar as casas, dividir doces e fogos de artifício, o que no bairro do Armador não é feito, porque a comunidade ainda não se conseguiu unir para pedir autorização à Junta de Freguesia para este efeito. Mas as roupas, as casas e suas entradas bem como as luzes que se colocam às janelas e corredores, são efeitos visíveis de que uma festa decorre naqueles dias.

Ainda em Malheiros (1996) reforça-se a descrição já anunciada de Susana Pereira Bastos sobre as áreas residenciais e a segregação. No vale do Areeiro e na Quinta da Vitória (Portela), era comum ouvir-se falar Gujarate e contactar com a realidade sócio-cultural da comunidade hindu que lá vivia. Eram, na sua maioria, de casta inferior e desempenhavam maioritariamente as atividades profissionais atrás referidas, tendo vidas modestas e ocupando sítios que os portugueses já não desejavam. Porém, ainda em Malheiros é referida a importância da separação residencial por castas, a qual não deixa de ser uma réplica da atual organização social e residencial em Diu e Goa, onde em 2006 a investigadora verificou que numa avenida os primeiros 100/200 metros eram ocupados por “condomínios” e os restantes preenchidos com casas separadas por muros altos e caminhos alternativos.

Não percamos de vista alguns aspetos sobre os quais Bastos (1991) já escrevia: um grupo doméstico indiano, independentemente de ser natural da Índia, de Moçambique e até mesmo de já ter nascido em Portugal, mantém uma referência cultural comum: os nomes são sempre indianos. As profissões são as que trazem do

passado: pedreiros (cariás) e comerciantes. Casam-se essencialmente entre pessoas da mesma casta, apesar de no presente isso já não ser tão significativo, pois encontram-se casais, quer de castas distintas, quer mesmo de diferentes etnias, situação praticamente inexistente nos anos 80/90 do século XX. Exemplo disso é o filho de uma das entrevistadas de origem indiana, a senhora K. J., que vive em união de facto com uma rapariga de Cabo Verde. Falámos algumas vezes com este casal, mas não integrámos no nosso trabalho o resultado dessas conversas pelo facto deles já não habitarem no Bairro.

Estes hindus têm uma “lei” de solidariedade e de hospitalidade enorme e é por isso que o realojamento se deu com a presença de famílias constituídas por pais, tios, primos de segundo grau e outros parentes a serem alojados em casas com alguma proximidade geográfica, na sequência de desdobramentos de agregados familiares que coabitavam na mesma casa “pré-fabricada” na Quinta da Holandesa. Aliás, já aqui relatámos algumas dessas questões, quer em termos do processo associado ao Programa Especial de Realojamento, quer na própria descrição da Quinta da Holandesa.

### 3. Da Quinta da Holandesa ao Bairro do Armador: realojamento, integração ou ambos para a comunidade indiana?

#### 3.1 A evolução do bairro

Apesar de se encontrar nas zonas limítrofes do bairro, o seu melhor ponto de referência é sempre o Pingo Doce da Bela Vista, seguindo da zona nova do Parque da Bela Vista. Ao Bairro do Armador chega-se de autocarro ou de metro, que pára no bairro da Flamenga, mas que dá acesso direto ao Armador. É mais fácil chegar-se a pé ou de automóvel. Apesar de existir uma rotunda central, que separa o Armador da Flamenga e da Avenida Estados Unidos da América, nenhuma das indicações da rotunda remete para a toponímia “Bairro do Armador” (figura 5) e há apenas uma sinalética, colocada logo depois de se atravessar a estrada que separa o Pingo Doce do Armador, onde podemos ler a história do bairro e o que por lá encontramos como serviços principais, apesar de não estar atualizada, pois indica a presença de algumas associações/organizações que já não estão sediadas no bairro (figura 6):

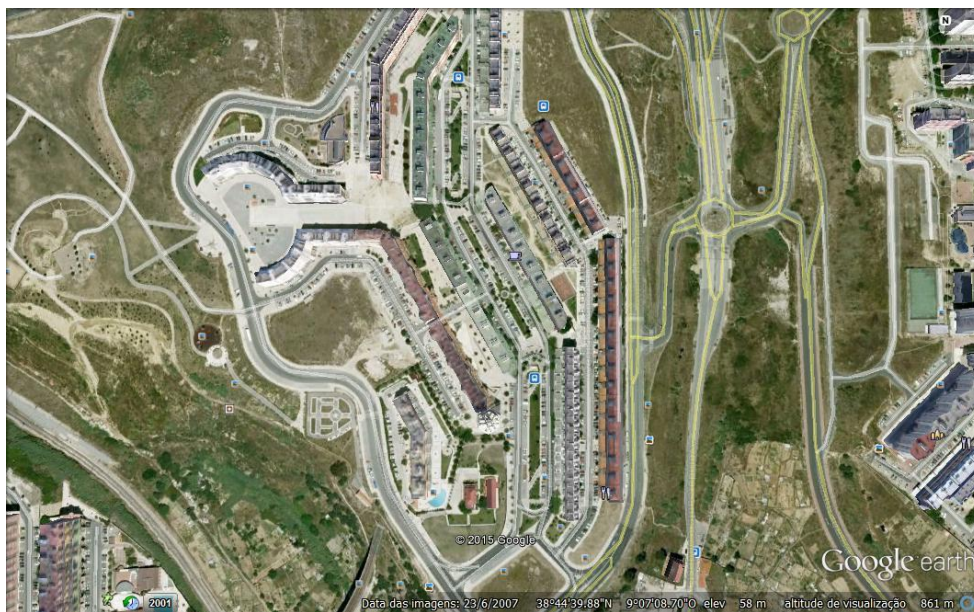


Figura 5: Indicações de quem sobe da Rua Cidade de Bratislava



Figura 6: Sinalética: Bairro do Armador

Duas vias principais atravessam o bairro de uma ponta à outra (Avenida François Mitterrand e Rua Jorge Amado). Atualmente passam no Bairro do Armador os autocarros da Carris números 794 e 793, dirigindo-se ao centro de Lisboa (794) e à zona da Madredeus (793). Para se compreender a complexidade dos números dos lotes, a única solução é percorrer o bairro a pé. De repente saltamos de um 750 para um 777, sem nos apercebermos da pequena transversal que fica escondida entre esses mesmos edifícios. Durante o dia, observam-se pequenos grupos de rapazes que se sentam nas portas dos prédios mais escondidos, homens de idade adulta que ocupam o seu tempo no café da entrada do bairro e alguma circulação de mulheres nos períodos da manhã, para levar os filhos às escolas e depois para irem ao supermercado. Não se vêem homens indianos a circular. Se não fosse pelo barulho dos carros, ainda que poucos, diríamos que é um bairro abandonado pelo total silêncio que se sente em determinadas zonas.



**Figura 7:** Imagem com mapa da área do Bairro do Armador, da Google Earth (2007)

Do ponto de vista lúdico, social, o famoso “prédio do lápis”, com a presença do grupo comunitário, dá a possibilidade de utilização do espaço para a consulta de mails e procura de emprego nos jornais. Na perspetiva de quem conhece o bairro e o viu crescer, entendemos que é o espaço que mais contribuiu e contribui para uma efetiva dinamização cultural do bairro. Era o espaço que albergava quem professava a fé cristã aos domingos na Eucaristia, durante mais de um ano. Infelizmente, por questões de verbas, reduziu o horário de abertura ao público e reduziu igualmente a afluência. Das duas vezes que estivemos no “prédio do lápis”, apenas estava o segurança e uma técnica. Hoje alberga o “Espaço jovem”, que é um sítio para onde os pais mandam os filhos, sempre que seja necessário fazer algum trabalho prático que requeira a utilização de internet (figura 8). O café da entrada do bairro estava cheio de pessoas. O bairro ainda tem nele sediado o “Contra senso”, um grupo de teatro amador, o projeto Remix e pouco mais do que 3 ou 4 cafés e um restaurante. Há uma farmácia, uma mercearia indiana, e em termos de serviços, uma escola de 1º ciclo, uma creche com infantário e berçário, uma creche privada do Instituto Piaget, a Comissão de Proteção de Crianças e Jovens da zona Oriental e a sede do Conselho Português para os Refugiados. De notar que nenhuma indicação visível existe nas ruas do bairro para se chegar a estas organizações importantes. As poucas setas e indicações que encontramos, ao percorrer o bairro a pé, referem-se essencialmente às

lojas (talho e farmácia). Existe igualmente a Fundação Oriente, com instalações ao lado do condomínio fechado por si promovido, e que até à data da entrega do trabalho, não nos respondeu aos pedidos feitos para um encontro.



Figura 8: “O prédio do lápis”

Na escola básica do 1º ciclo funciona o culto da comunidade hindu, presente no bairro, e também de alguns amigos da zona das Olaias.

Aos fins-de-semana o bairro ganha uma nova vida e observamos a presença e constante movimento das pessoas. Muitas deslocam-se ao Parque da Bela Vista. Este parque é a zona sul do espaço que acolhe o festival de música “Rock in Rio” de dois em dois anos. Foi um espaço arranjado pela CML em inícios dos anos 2000, quando se finalizou a construção da primeira banda de prédios de cooperativa, construída entre as Olaias e o bairro da Flamengo, a meio na Rua Jorge Amado, perto do condomínio fechado e da instalações da Fundação Oriente. (ver figura 38, anexo 7.12). No parque, sobretudo aos domingos, há também rapazes indianos que jogam críquete, raparigas que caminham e crianças que saltam à corda e andam de bicicleta. As mulheres mais velhas ou não as vemos, ou as que estão no parque, aproveitam para conversar. É caso para dizer que aos domingos, a zona nova do Parque da Bela Vista é dos indianos.

As associações que foram nascendo também esmoreceram com os anos. Passando por lá de manhã ou à tarde, vêem-se grades que não se levantam e aproximando-nos de cada uma delas, verificamos que a ferrugem denuncia a ausência

de algum movimento. As pessoas que passam e que nos vêem a espreitar, comentam que tiveram de fechar porque ninguém lá ia, ou porque as pessoas se tinham mudado, etc. Há porém uma unidade de saúde da Santa Casa e houve um gabinete da Gebalis, também ele encerrado quando se deu a abertura da Loja do Cidadão da Bela Vista, em 2012. (ver figura 34, anexo 7.12).

Salientamos a diversidade de construções, a entrada pelas Olaias, que mostra a Fundação Oriente com um aspeto magnífico, e as fachadas esverdeadas em degradação dos prédios da Avenida François Mitterrand. De certa forma, os edifícios espelham os contrastes económico-sociais que o bairro alberga:



**Figura 9:** Condomínio fechado

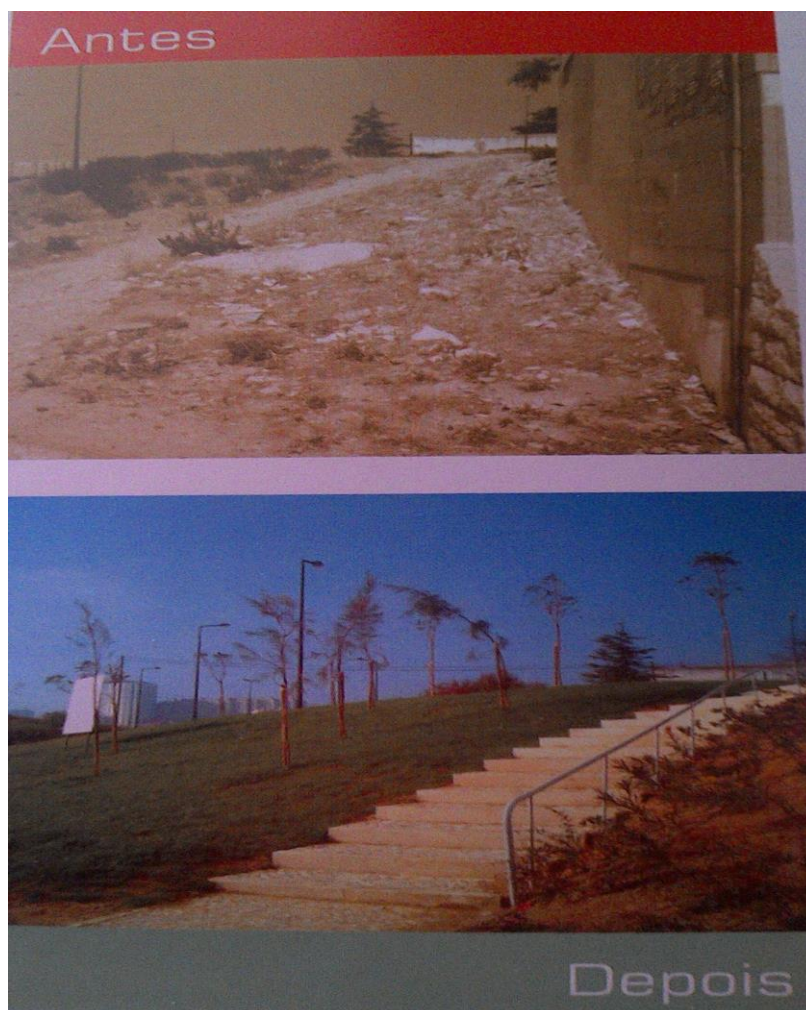


**Figura 10:** Prédio de cooperativa



**Figura 11:** Entrada de um prédio de habitação social

De notar algumas obras de requalificação dos espaços públicos, que ofereceram ao bairro uma imagem de entrada diferente, contudo muito ainda fica por ser feito, pois falamos em intervenções que datam de inícios dos anos 2000:



**Figura 12:** Entrada no bairro antes e depois de 2004<sup>5</sup>

Falando em números, o Bairro do Armador beneficiou do Programa de Intervenção a Médio Prazo (PIMP), com a construção de 68 edifícios (mais de 1300 fogos), a qual se iniciou em 1992 e foi concluída em 1998. O realojamento, que procurava dar resposta aos problemas de habitação nas zonas do Bairro do Relógio e de bairros precários localizados em bairros de freguesias vizinhas como a Quinta da Montanha, Quinta dos Cravos, Quinta Marquês de Abrantes, Azinhaga das Teresinhas e Pote d'Água, Quinta das Flamengas, Quinta do Levy, Quinta da Holandesa, decorreu entre 1995 e 1999.

Não existem estudos atualizados sobre o bairro, apenas conseguimos números que concernem ao total da freguesia de Marvila, mas segundo os dados fornecidos

---

<sup>5</sup> Imagem da publicação do Boletim da Gebalis, 2005, pp.30.

pela Gestão dos Bairros Municipais de Lisboa (GEBALIS) numa sua publicação de 2001, o bairro tinha quase 5000 habitantes.

### 3.2 O olhar do bairro sobre a comunidade

Para a análise dos dados recolhidos, no que respeita ao olhar que o bairro tem sobre a comunidade hindu, partiremos do material recolhido, procurando analisá-lo com o auxílio das discussões sobre os conceitos discutidos nos capítulos 1 e 2. Partimos de uma breve caracterização da amostra.

Os inquiridos de origem portuguesa são provenientes de diferentes bairros, realojados ali por conveniência e por coincidência. Alguns vinham de bairros de casas auto-construídas de má qualidade, outros pagaram à cooperativa que os informou, um ano antes, que seria naquele sítio a casa das suas vidas. Uma das entrevistadas, sem o gravador ligado, referia:

*Nunca sonhei que ia ter tantas pessoas de cor diferente a viverem no mesmo sítio que eu. Não me faz diferença, mas nunca pensei que isso aconteceria.* (TBP)

Na amostra recolhida, surgem alguns comportamentos interessantes da comunidade de origem face à comunidade hindu presente no bairro. De se notar que qualquer pessoa que viva em Marvila, em Chelas, ou mesmo que habite em zonas limítrofes como a Alameda, o Areeiro ou os Olivais associa o bairro do Armador a indianos. O mesmo se passa com os inquiridos, ainda que quando questionados sobre as etnias que identificavam presentes na zona, a grande maioria refira em primeiro lugar os ciganos; só depois aparecem os indianos. Após uma análise e trabalho de investigação mais a fundo, verifica-se que esta identificação mais imediata está associada a uma carga profunda de preconceito social:

*E que etnias vocês identificam aqui no bairro?* (entrevistadora)

*Ciganos, indianos, africanos* (PD)

Em respostas não registadas com um gravador, PD acrescentava que era fácil saber que viviam ciganos no bairro pelas portas partidas, pelo barulho infernal que faziam e pela má educação. Frisou inúmeras vezes que não queria que gravássemos esta parte da entrevista. Quando questionada sobre ter os indianos a viverem no

bairro, referiu: “Bem, são pessoas nada conflituosas”. Mais uma vez o bairro e a sua estigmatização mediática, vivem igualmente dos juízos de valor que a própria população tece sobre os vizinhos. A questão da (in)segurança nunca nos abandona.

De um modo geral, todos sabem alguns elementos culturais que são típicos em famílias indianas. No fundo, trata-se dos elementos de defesa identitária, características que demarcam territórios de uma identidade cultural: língua, decorações das portas, rituais e hábitos alimentares que têm efeitos olfativos nos espaços comuns. Todos falam sobre as roupas que são óbvias (figura 13). Alguns, sobretudo os mais jovens, identificam e generalizam as aptidões para as matemáticas e sabem que o ano novo é noutra data diferente da do país de acolhimento, pois lembram-se de terem um colega que faltava nessa altura e que as professoras não marcavam testes por causa desses colegas. As senhoras inquiridas sabem alguns hábitos das senhoras indianas, o que mostra que algumas relações de vizinhança deram lugar à amizade, pois houve permissão para entrar no espaço familiar:

*Um elemento da cultura dessas famílias que vocês conheçam bem, porque já participaram, porque já viram, enfim um elemento qualquer. (entrevistadora)*

*Entrar descalça quando falece um ente querido... O traje, o caril, mas o caril em si não existe... o caril é uma mistura de vários elementos, o casamento de uma planta por causa de uma festa qualquer (MCJ)*

*As mulheres não poderem participar nos funerais dos maridos (MJ)*

*A comida (JH)*

*A religião é outra. Às vezes apanho-os aí numas rezas (TBP)*

*Se reparares, todas as indianas, pelo menos as que conheço, todas têm o cabelo preto e comprido e liso. E pelo o que eu soube, elas lavam o cabelo com óleo. Depois, é verdade, as indianas são mais inteligentes, por exemplo na língua inglesa, no Inglês eles fazem coisas...No Inglês e na eletrónica Na eletrónica, na informática ... e na matemática também, sim, também são inteligentes na matemática (NG)*

*Aquilo da carne, o sinal na testa para dizer que são casadas (CBP)*

*As roupas, o vestuário, aquele sinal que não sei o que simboliza, é muito conhecido. (FBP)*

De notar que além das respostas que evidenciam um conhecimento da cultura material, a religião professada pela comunidade é uma presença constante nas conversas com os entrevistados do país de origem. Isto leva-nos a reforçar a ideia de que a religião é um elemento agregador da comunidade hindu e apesar das manifestações religiosas serem discretas, numa escola do bairro, o que é certo é que os vizinhos apercebem-se dos elementos religiosos que unem este grupo:



**Figura 13:** Prédio do bairro do Armador com um Saree no estendal, 2015



**Figura 14:** Quinta da Holandesa com um Saree no estendal, 1990<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Imagem de Castro e Freitas (1991: 70).

Todos se referem à comunidade indiana como pessoas educadas, de confiança, sossegadas e de boa vizinhança. Não se lembram de conflitos nem de situações em que se levantaram problemas com os indianos no bairro, pelo contrário. Porém, é também em questões que fomos fazendo neste âmbito que acabámos por detetar alguma tentativa de uniformizar, ou de estabelecer um paralelismo, sem passar pela verdadeira interação. A “padronização”, aspeto que vem na explicação do conceito de integração, discutido em 1.1, surge-nos através das respostas dos moradores. Aliás, vejamos estas respostas:

*O que é que vocês acham de terem famílias indianas a viverem tão próximas de vocês?*  
(entrevistadora)

*São pessoas fantásticas, comunicativas, amigos* (MCJ)

*É da nossa família, é como ter pessoas da nossa raça* (MJ)

*Acho bem. Prefiro indianos a pretos* (JH)

*Gosto* (NG)

*Acho que são pessoas que têm uma maneira de viver diferente mas que pouco a pouco a gente aprendemos a conviver uns com os outros e acho que não temos que ser todos iguaizinhos. Desde que sejam responsáveis com a vida que escolheram* (TBP)

*Acho bem, porque tipo, nós sabemos como reagir a coisas da nossa cultura normais, mas tipo, sem os indianos aqui, não saberíamos como era os casamentos. Por exemplo, as raparigas casam bem novas, tipo, há raparigas mais novas que eu e que já tão casadas. Eu via elas ali na rua a brincar comigo na rua e agora já têm marido e filhos. E isso na cultura deles é normal, na nossa não é nada normal.* (FBP; 19 anos)

Se por um lado temos respostas demasiado genéricas para podermos aferir o que quer que seja, por outro apercebemo-nos que, através da insistência ou da retoma deste mesmo assunto, vamos decifrando o que verdadeiramente as pessoas pensam sobre o convívio com os indianos no mesmo bairro e/ou o mesmo prédio. A primeira inquirida identifica como característica o facto de os indianos serem comunicativos, quando mais à frente há quem refira que são demasiado fechados. É a única que o diz, sempre que fomos falando sobre questões que tocavam em aspetos de relações

sociais. (ver anexo 7.6). É a que habita num prédio de cooperativa, à frente de um agregado familiar indiano (que agora já emigrou para Londres, portanto perdeu-se o contacto diário).

Noutras respostas lemos entrelinhas que a definição de integração passa pela uniformização, referindo “É como ter pessoas da nossa raça”. A única resposta que efetivamente vai dar pistas de que se sente alguma importância no “cruzamento/partilha de informações” é a última, de um entrevistado que chegou ao bairro do Armador com 8 anos, o que também demonstra que talvez as gerações mais novas tenham maior abertura e menos preconceito para a descoberta da diferença. Sobre questões do foro técnico, como referirem-se a alguém como indiano, quando aquela pessoa é de nacionalidade portuguesa, a verdade é que muitos ignoram se estas pessoas são de nacionalidade indiana ou portuguesa, ou as duas:

*Já promoveram algum encontro? (entrevistadora)*

*Cá em casa não mas na casa do Afonso [vizinho de baixo] já convivemos com eles. Já almoçamos e convivemos com eles. São pessoas muito simpáticas e se fossem portugueses não se ia notar que eram diferentes de nós(TBP).*

Quando questionadas se sabiam que aquelas pessoas já eram portuguesas, corrigiam imediatamente, referindo-se às mesmas como indianas e insistindo sempre que mesmo que as pessoas tivessem nacionalidade e cidadania portuguesas, seria inegável que elas não fossem indianas, pelos vários elementos da cultura material acima descritos. De notar que no final dessa entrevista, uma vez que sabíamos a nacionalidade dos “não portugueses” referidos na transcrição do diálogo acima, frisámos que a nacionalidade dessa família era portuguesa.

Curioso é quase todos dizerem que o bairro do Armador sem esta comunidade não era o bairro do Armador. Quando questionados acerca do porquê de responderem assim, tendo em conta que o bairro tinha outras etnias, outras identidades culturais que podiam perfeitamente bem colmatar a falta da identidade hindu, respondiam que o bairro é conhecido pela presença forte desta comunidade. Alguns referiram mesmo os laços de amizade que já nutrem por alguns indivíduos indianos e outros chegaram a

mencionar o vazio que deixaria no bairro a ausência de cores, cheiros, bem como o medo de vir alguém que pudesse ser pior. No fundo, a comunidade de acolhimento vai-se regendo pelos (pre)conceitos que tem sobre a diversidade e mostra a preocupação de viver num espaço em que a diferença não seja tão silenciosa como a dos indianos. Quando questionámos sobre o facto de se poder experimentar fazer bairros apenas indianos, um dos inquiridos, NG, disse-nos diretamente para desligar o gravador, apesar do aparelho nem sequer ter estado ligado nessa conversa. Quando dissémos que não o tínhamos ligado, disse que não concordava com isso, porque os indianos eram “como nós”. Eram civilizados, sabiam ter um comportamento de pessoas civilizadas, tinham hábitos laborais semelhantes e por isso seria uma discriminação colocá-los num bairro diferente. Já os “pretos”<sup>7</sup> era diferente e com os ciganos muito mais, pois só traziam confusão para o bairro e queriam era fazer barulho. Não trabalhavam e sobretudo os ciganos eram pessoas que viviam do RSI, pelo que “deviam”<sup>8</sup> estar longe, num espaço só deles, para fazer o barulho que quisessem. Reitera-se, assim, sempre a mesma posição: afastar o que é diferente, aproximar o que se assemelha e torná-lo ainda mais semelhante.

Em setembro deste ano letivo, questionámos uma professora da EB 2,3 das Olaias se gostava de ensinar naquela escola e o porquê, e quais eram os alunos com quem gostava mais de trabalhar. A professora, que está habituada a lidar com alunos de diversas origens e em contextos escolares desfavorecidos, identificou imediatamente a comunidade indiana, com a qual tem imenso prazer pelo cumprimento, pela importância atribuída à escola, pela participação na vida do aluno que as encarregadas de educação têm, mesmo muitas delas saindo de casa de madrugada como as senhoras africanas e outras não falando em Português. Questionada sobre a zona habitacional destas crianças, a professora referiu que era fundamental a presença de uma comunidade como esta num contexto deste género, para influenciar positivamente os pares de outras etnias.

---

<sup>7</sup> Utilização da palavra usada pelo entrevistado.

<sup>8</sup> Idem.

Mesmo não marcando ativamente a sua presença, podemos dizer que a comunidade é claramente identificada como parte integrante do espaço físico do Bairro. Quando falamos sobre a participação na vida associativa e social do bairro, os inquiridos portugueses referem sempre a questão da escola ou de algo relacionado com a educação, que parece ser o que ainda vincula a comunidade indiana e leva a comunidade de acolhimento a pensar que existe uma integração. Sobre a religião, os inquiridos revelam muitas lacunas e nenhum participou em nenhum ritual, salvo no velar o defunto na casa de uma das viúvas, compreendendo a questão da cremação, das viúvas que não podem estar sempre perto dos corpos dos maridos e de alguns gestos como entrar descalça em lugar sagrado (a sala onde velam o morto) ou fazer jejum durante esse período para que o corpo não tenha quaisquer distrações. Uma das inquiridas já teve a presença da família indiana sua vizinha, e sua amiga, na primeira comunhão do filho mais novo, e também fizeram um passeio com ambas as famílias para Fátima, onde os dois agregados familiares estiveram juntos a conviver e a passear. Segundo a família portuguesa, chegaram mesmo a rezar juntos.

Se retomarmos o conceito discutido em 1.1, “integração é um processo dinâmico que envolve mudanças nos imigrantes e nos autóctones, portanto opera mutações quer na sociedade que acolhe como a que “perde” os seus”, torna-se difícil compreender as verdadeiras e autênticas mutações que decorreram quer na comunidade de acolhimento, quer nos imigrantes, contudo há que lembrar que o processo de integração opera de forma dinâmica, mas leva o tempo que for necessário para mostrar se de facto está a ser eficaz ou não. Após mais de um ano de convivência com as pessoas que foram entrevistadas, tendo observado o seu real posicionamento face aos indianos hindus que habitam no bairro, diríamos que a mutação está a decorrer, pelo menos através da descoberta de elementos que vão além da cultura material, visível aos olhos de todos. Aliás, se assim não fosse, MJ não poderia referir com conhecimento de causa, o que observou num velório hindu e até o que sabia sobre a postura de uma viúva hindu e da sua família numa situação de luto.

Os mais jovens acabam por ter uma visão menos rígida das manifestações culturais que observam. Identificam os sinais de diferença, sobretudo no universo feminino, tendo em conta que é estranho uma jovem de 18 anos pensar que uma sua

ex-colega de escola já pensa em casamento e, em certas ocasiões, nem sequer sabe quem será o seu noivo:

*O que é que vocês acham de terem famílias indianas a viverem tão próximas de vocês? (entrevistadora)*

*Acho bem, porque tipo, nós sabemos como reagir a coisas da nossa cultura normais, mas tipo, sem os indianos aqui, não saberíamos como era os casamentos. Por exemplo, as raparigas casam bem novas, tipo, há raparigas mais novas que eu e que já tão casadas. Eu via elas ali na rua a brincar comigo na rua e agora já têm marido e filhos. E isso na cultura deles é normal, na nossa não é nada normal. (CBP- 19 anos).*

### 3.3 O olhar da comunidade hindu sobre o bairro

É difícil compreender o que um indivíduo de comportamento mais tímido e retraído nos quer dizer. É um pouco assim que começamos por analisar o que experimentámos ao ter entrevistado alguns membros da comunidade hindu. Já neste trabalho referimos, quando explicámos a metodologia, que as entrevistas não foram o único contacto que efetuámos com estas pessoas. Tivemos que voltar a conversar com elas, a partilhar dos doces num momento mais íntimo de oferenda a Ganesh, a visitá-las na feira do Relógio entre muitas outras situações de interação, para compreender qual era o seu olhar sobre o bairro. Com exceção de um indivíduo de 26 anos, todos os entrevistados de origem indiana viviam nas suas casas do Bairro do Armador há pelo menos 10 anos. Para nós, este facto é determinante nas respostas que se seguem, pois demonstram alguma apropriação do espaço, algum desejo de que a vida no bairro melhore, muito embora haja pouco envolvimento direto.

Iniciámos as conversas com as apresentações informais para depois passar à questão da casa, da atribuição do fogo habitacional naquela zona. Das várias respostas que obtivemos, é interessante verificar que uma senhora denomina “bairro social” o da Quinta da Holandesa:

*Houve algum critério na atribuição da vossa casa? E quando vieram para aqui, foi-vos informado atempadamente que vizinhança teriam? (entrevistadora)*

*Não, eles queriam tirar o bairro social dali, aquilo era barracas, queriam demolir as barracas e eles atribuíram casas às pessoas que moravam ali.(UJ)*

Retomámos esta conversa numa outra visita à casa desta família e entre discursos sobre a segurança, o bairro e as vivências do bairro, UJ disse-nos:

*Segurança em muitos sítios não temos, as pessoas de fora ouvem boatos que...prontos, mas eu vivo aqui há 15 anos e nunca tive problemas, nunca tive. Temos um parque, boa vista para ver o mar.*

É repetitivo, mas retomamos a introdução do ponto 1.1, pois parece-nos pertinente e muito elucidativo: “O acesso a uma habitação condigna é um direito fundamental de todos os seres humanos e constitui o primeiro passo para a inclusão social dos imigrantes no país de acolhimento.” (Fonseca 2008). No caso de UJ e de várias outras famílias, o realojamento no bairro do Armador foi um primeiro passo para se sentirem incluídas, até porque alguns sentiram ainda mais o peso de viverem em condições insalubres, pelo período temporal demasiado longo que tiveram de suportar isso:

*Vivia numa barraca de madeira onde entrava frio e bichos. Tinha filhos pequenos e não podia deixar que aquilo continuasse. Vivíamos com outras tantas famílias, tudo junto na mesma barraca, uma confusão. Eu saía de casa às 5h para ir buscar o peixe a Algés e depois vendia de porta em porta. Fiz muito nesta vida para poder juntar qualquer coisinha. Depois meu marido foi pedir para fazer uma barraca de cimento e deram autorização. Saimos daquela porcaria de madeira. Mas era sempre na Quinta da Holandesa. E depois foi para aqui. Acabou o frio e a chuva nas casas e quartos. Ainda estive em Loures na casa de um tio, mas zanguei-me, porque ele achava que era meu pai e depois vim para a Holandesa (KP).*

KJ foi uma das entrevistadas que mais elementos revelou nas respostas que não eram gravadas em suporte áudio. Os seus gestos, os seus olhos, mostraram expressivamente a dureza de uma vida em que não conseguia sequer proteger os filhos do frio ou ter alguma privacidade, como aliás já descrevemos no ponto 2.1.2. Mesmo não apresentando o bairro do Armador uma organização espacial em nada semelhante à da Quinta da Holandesa, a verdade é que as casas das famílias indianas reconhecem-se pelos sinais expostos nas portas, as plantas, o tapete da entrada... aliás, no ponto anterior, muitos dos inquiridos do país de origem apontam precisamente isso. O que é importante a nosso ver, é a consciência da melhoria de qualidade habitacional que as pessoas demonstram, na transição da Quinta da Holandesa para o Bairro do Armador. E os aspetos relativos à insegurança? São abordados por ambos os lados das entrevistas, pelo que poderia ser um dos elementos

de diálogo entre as várias comunidades presentes no bairro, uma vez que todas têm este tipo de preocupações.

O realojamento no Bairro do Armador foi um primeiro passo para a integração, pela via do alojamento, abrindo caminho para pensar em outros patamares de integração, relativamente à vida associativa, os quais passaremos a descrever de seguida.

A comunidade indiana, ou os indianos hindus que se vão organizando, pelo menos para o rito religioso dos domingos, têm o desejo de fundar uma associação de Diu. Esta é a primeira percepção que recebemos quando iniciámos este processo de investigação, por terem sido recorrentes as respostas nesse sentido:

*Há alguma associação ligada à comunidade indiana aqui no bairro? (entrevistadora)*

*Não. Já tentámos, pedimos o espaço mas a Câmara ainda não deu. (KP)*

*Aqui não. Queriam fazer mas ainda não conseguiram. (UJ)*

*Não Não sei, mas há muita papelada, muita burocracia, porque nós também queríamos... temos aqui esta escola, e queríamos que cedessem este espaço para nós aos domingos e acho que estão a tentar conseguir fazer (XJ)*

*Temos a Casa de Diu, que ainda não funciona mas estamos à espera que nos dêem o espaço. (DK)*

*Isso é que não (JK)*

Um dos entrevistados refere o desejo de uma “Casa de Diu”, à semelhança da “Casa de Goa”. Porém, o elenco de respostas acima denuncia alguma exteriorização da responsabilidade, ou pelo o transferimento da mesma. Porém, compreendemos no tom e expressividade da resposta de JK “isso é que não”, a manifestação de alguma vontade em estar num ambiente onde pudesse haver uma representação oficial mais significativa.

Nos encontros informais que se seguiram às entrevistas, fomos compreendendo que não houve, efectivamente, pedidos formais à CML para a constituição de uma Casa de Diu. No que respeita à Junta de Freguesia de Marvila, uma vez que não conseguimos falar com mais ninguém além da administrativa, a

informação que obtivemos é que também neste organismo não entrou nenhum pedido de apoio ou cedência de espaço para a abertura de uma casa de Diu no Bairro do Armador. Não há consciência de que existe um papel integrador da parte da Junta ou da Câmara e que participar nas Assembleias ou dirigir-se à Junta, pode ser uma mais valia para dar início a este processo de constituição da desejada associação. Não incomoda sequer o silêncio das autoridades. Num momento em que dissemos que a Junta nem sequer tem um dossier com a informação do bairro do Armador, a reação foi de total passividade. DK, um dos entrevistados, pediu-nos inclusivé alguma ajuda nesse sentido e refere com frequência o desejo da abertura de uma Casa de Diu. Chega mesmo a referir uma identidade religiosa para o efeito, mas nunca a Junta: “É a Casa de Diu. Quer dizer, é uma associação, mas eles não têm ainda uma sede. Eu queria pedir ao padre mas ainda não consegui.” Em 1.1 sublinhámos uma das definições de integração em Malheiros (2012), a qual é um processo dinâmico que envolve mudanças nos imigrantes e nos autóctones, portanto opera mutações quer na sociedade que acolhe como na que “perde” os seus. De certa forma, o que observámos, no que respeita a esta questão da associação ou da Casa de Diu, há um desejo de a constituir, mas pouca ação nesse sentido. Talvez ainda não tenha decorrido o tempo suficiente para estas mudanças ocorrerem, até porque as mudanças associadas à integração tendem a ser lentas e graduais. Eventualmente, pode mesmo verificar-se que o nível de estruturação do grupo imigrante e de ascência imigrante hindu do Bairro não esteja suficientemente estruturado para conseguir materializar, em termos formais, o seu desiderato.

No entanto, ao nível das relações internas do grupo, a *endogamia* das amizades não pode ser perdida. Mesmo havendo muita gente que parte, há em todos a preocupação de manterem algum contacto com a comunidade com quem se identificam: os indianos hindus. Na mesma entrevista de DK, este é um dos que mais preocupação tem em dar inúmeros elementos que comprovem a importância da manifestação cultural, os momentos das reuniões, etc.:

*Há uma festa aqui, aproveitamos a escola. Aos domingos juntam-se aqui na escola de manhã e depois às vezes eles fazem festa aqui no bairro, no pátio, a associação de casa de Diu.*

(...)

*há uma festa, o dito Carnaval. É feito aqui na praça do bairro.(...)*

Foi através deste senhor que descobrimos a mercearia indiana no bairro, aspeto pouco normal, uma vez que todos os comerciantes indianos têm sempre o desejo de expansão e de sucesso do seu negócio pequeno. Prova disso são as pequenas mercearias indianas que proliferam em zonas estratégicas da cidade de Lisboa, como a Baixa de Lisboa, o famoso Martim Moniz, a av. Almirante Reis, entre outros. Mesmo em zonas como Vialonga, onde a presença de indianos é pouco expressiva, todos conhecem a mercearia que se encontra escondida entre dois prédios. Questionámo-nos como seria possível que poucos conhecessem aquele espaço. Antes de lá chegar, imaginámos um pequeno cubículo, num recanto escondido de um prédio, mas enganámo-nos. Está bem situada, na Avenida François Mitterrand. A verdade é que as duas vezes que nos dirigimos à loja, a recepção foi distante, sem qualquer abertura para o diálogo e a senhora que se encontrava na caixa registradora mostrou-se sempre muito desconfiada sobre as nossas intenções:

*Boa-tarde, estive aqui há uns dias, disse-me para voltar na semana seguinte...*

(entrevistadora)

*Quem é você mesmo? (senhora da caixa)*

*Precisava de falar com o senhor que está a tratar da papelada sobre a Casa de Diu. A senhora disse-me que podia vir cá noutro dia.*

*Ah pois (discurso em Gujarate, da qual a única palavra que compreendemos foi “University”. Este discurso dirige-se para um cortinado)*

*Sim, diga. (um senhor indiano mais velho)*

*Disseram-me para vir aqui falar com uma pessoa que estava encarregue de tratar da papelada para a abertura da Casa de Diu.*

(discurso em Gujarate. Pelo meio entendem-se palavras como “Goa”, “University”)

*Sim, ainda não temos nada, mas depois passe aqui.*

Quando abandonámos o local, uma senhora indiana que se encontrava a fazer umas compras abordou-nos, questionando novamente de onde éramos e porque é que queríamos ajudar a constituir a Casa de Diu, se já tínhamos a Casa de Goa. De notar que nunca foi feita qualquer apresentação pessoal naquele encontro, onde fizéssemos referência à palavra Goa, ou às nossas origens. A senhora indiana explicou que no discurso entre a senhora da caixa e o homem mais velho foi dito que eramos estudantes universitários e que eramos portugueses, mas de origem goesa. Mas sublinhava que eramos portugueses e não indianos. Este comportamento corrobora com as caracterizações que ouvimos de alguns habitantes do bairro do Armador, sobre o fechamento da comunidade, quase numa tentativa de “defesa identitária”.

Desde 2011, o desenraizamento da comunidade, associado ao desemprego e à falta de oportunidades, abre caminho para novos movimentos migratórios (Londres ou até Índia).

Retomando o universo das nossas entrevistas, entrámos no campo da interação com outras famílias:

*Quantas famílias de outras etnias é que conhece e frequenta a casa? Pessoas que poderia dizer agora que são suas amigas (entrevistadora)*

*Mais ou menos 5/6 portugueses. (KP)*

*Entre portuguesas assim... amigas, amigas que frequente muito a casa, não tenho. (UJ)*

*Da minha idade algumas, mas assim mais velhas são todas como a minha mãe. (XJ)*

*A vizinha da frente. (DK)*

*Aqui no bairro ninguém. (JK)*

*Pessoas a quem daria a sua chave de casa, a quem emprestaria dinheiro ou pediria alguma coisa emprestada. (entrevistadora)*

*Olha a vizinha da frente. Deixamos as portas abertas, demos chaves umas às outras, a vizinha quando sai diz “cuida da minha casa”, eu também. Além desta vizinha recorro também à minha amiga sim, pois ... com ela também. Quando eu vou para a Índia digo*

*a ela para vir a minha casa passar um paninho na minha casa, porque tenho mais confiança nela. (KP)*

*Ah isso à amiga KP. (UJ)*

*A vizinha da frente (DK)*

*Não sei. Estou há pouco tempo cá, por isso acho que numa emergência era aos meus que recorria.(JK)*

Dentro de casa, dentro da intimidade do lar, uma igual a si. A mulher indiana hindu não permite que uma “diferente” penetre o seu espaço familiar, que esteja o tempo suficiente para poder conhecer a fundo como é o lar indiano. Já no caso de DK, talvez por ter vivido em mais sítios e ter crescido em Moçambique, este senhor possui uma abertura natural para outras etnias, tendo uma relação quase familiar com os vizinhos da frente, que são portugueses. Neste sentido, temos de salientar a questão que já referimos, a propósito de, muitas vezes, estes bairros serem espaços estigmatizados, pois como mencionado em 1.1: “os imigrantes tendem a fixar-se em zonas onde já estão concentrados outros imigrantes. Por norma, são zonas que ninguém quer habitar, pelos estigmas que até hoje os imigrantes carregam: violência, desocupação, degradação dos espaços públicos.”. Será que o facto de este senhor já ter tido experiências de vivência em zonas que carregam menos preconceitos sociais e étnicos, é um factor essencial para que a sua integração esteja a decorrer com menos percalços? “...são necessárias relações de amizade e formas de relacionamento mais íntimo para que as atitudes discriminatórias se reduzam significativamente (...) o estabelecimento de contactos próximos é uma condição necessária para o desenvolvimento de relações mais profundas, que por sua vez exercem um impacto mais amplo sobre as atitudes- o que é fundamental para a coesão social.” (Fonseca e McGarrigle 2012). Este senhor tem uma relação muito estreita com a família portuguesa que habita em frente. As duas famílias já saíram em conjunto para fazer um domingo em família, vão a festas religiosas de uns e outros e por isso estão claramente a construir um espaço de interação social. Porém, é também de notar que estas famílias indianas e portuguesa não fazem parte do processo de realojamento do PER, pois vivem numa cooperativa; contudo, ambas não tinham noção de quem teriam

como vizinhos. Por outro lado, temos de referir, sobretudo para a resposta de JK, outro indivíduo do sexo masculino, que os fortes laços de solidariedade nas redes familiares é um ponto forte, mas ao mesmo tempo restringe e torna aparentemente desnecessária a criação de um vínculo com pessoas de outras etnias, o que condiciona o diálogo intercultural. Nas entrevistas e visitas posteriores às casas destes inquiridos, verificámos que existia sempre a vontade de entrar no grupo comunitário ou de ter voz ativa, mas não há proatividade de ambas as partes (comunidade hindu e outros residentes do bairro). Neste sentido, associado a outros elementos observados, pensamos que há um desejo de manter o “encapsulamento”: os símbolos nas portas, as plantas nas escadas, os incensos, as boas-vindas em gujarat nas entradas, os sarees e os punjabis coloridos, etc. Parece haver uma clara intenção de estabelecer uma relação que não rompa a barreira. Uma das entrevistadas indianas refere, fora da gravação, que enquanto estiver fora na Índia, será a sua amiga (indiana também) que irá fazer a limpeza na sua casa e que tudo estava já combinado entre os maridos destas duas amigas (ver diário de bordo, anexo 7.9). Esse afastamento em relação à comunidade de acolhimento é manifestado através de todos os sentidos, valorizando-se o lado mais específico da identidade étnica e o seu quadro relacional. Em Malheiros (1996) vinha já referida esta questão dos agregados familiares com menos poder de compra, onde um ou outro membro já partiu novamente à procura de trabalho noutra país (normalmente sempre dentro da diáspora). Note-se que um dos entrevistados de origem indiana, que vivia no condomínio, manifestou claramente a sua indiferença quanto à apreciação do apartamento que lhe havia sido atribuído pela cooperativa. Em conversa com a entrevistadora em agosto de 2014, quando regressou a Portugal de férias<sup>9</sup>, o mesmo disse informalmente que tinha ficado contente de ter reencontrado amigos da juventude, da Quinta da Holandesa, naquele bairro, mas que nem sequer os associava à comunidade indiana quando lhe disseram que o prédio seria construído lá. Há que referir que este entrevistado não veio diretamente da Quinta da Holandesa, pois já tinha saído de lá e tinha ido para Santo António dos Cavaleiros. Também seria

---

<sup>9</sup> Este senhor partiu um mês depois da entrevista para Londres, onde já estavam a mulher e os filhos. Mantem a casa comprada num prédio de cooperativa, no Bairro do Armador, com expectativas de regresso a Portugal.

curioso analisar o percurso deste entrevistado e compará-lo ao índice de conforto e poder de compra da comunidade hindu de Santo António dos Cavaleiros, comunidade essa sempre vista pela do Armador como mais organizada, mais estruturada. Poderíamos associar a isto o próprio culto, o qual no Armador começou a ter maior visibilidade desde a construção da escola básica do Bairro do Armador, e da cedência do espaço aos domingos de manhã para o culto. Refira-se igualmente a dificuldade da manutenção da comunidade face à conjuntura económico-social. Em todos os agregados entrevistados houve uma saída de alguém, de um pilar do agregado, por situação de desemprego prolongada. No que concerne à segunda e terceira gerações, a endogamia dos casamentos já não prevalece nos 95% de inquiridos por Malheiros em 1996, pois vê-se com maior regularidade e cada vez mais frequência casamentos entre indianos e portugueses ou africanos, bem como a situação de algumas jovens com mais de 20 anos que ainda não casaram porque querem ser elas próprias a escolher os seus parceiros. Por exemplo, duas filhas de uma das inquiridas, frequentam as aulas de Zumba organizadas pela Paróquia, só participam nas cerimónias do Diwali e do Holi, frequentam as casas de amigos que foram seus colegas na escola, vestem-se de forma ocidentalizada e procuram ambientes que englobem os dois mundos aos quais sentem pertencer.

É notório, em todos os casos observados, a franca vontade de não perder o laço linguístico, em qualquer das gerações. Todos os inquiridos, filhos e netos com quem a entrevistadora se foi cruzando ao longo deste ano e meio de trabalho, falam gujarate entre si e sempre que foram questionados sobre a dificuldade de terem de comunicar em duas línguas durante o dia, os mais jovens referiram que era absolutamente necessário que soubessem as línguas maternas dos seus pais e avós, para poderem transmitir às gerações mais velhas o que se falava nas escolas, nas notícias e para conseguir manter a comunicação com os familiares que permanecem em Diu. Uma das jovens que não foi entrevistada mas com a qual a entrevistadora esteve diversas vezes, ao longo deste processo, foi peremptória a responder que não se sente preocupada com o facto de não saber bem Português, porque a escola pode ajudá-la nisso, mas Gujarate não pode ser incompreendido, porque senão não poderia falar com os avós quando vai de férias para Londres. É talvez por isso que também

vemos nos restaurantes indianos e nas casas destas pessoas os filmes, os canais por cabo... todo um mundo cultural e linguístico do país de origem, seu ou dos seus progenitores. De referir que nem todos os inquiridos são provenientes da Quinta da Holandesa, ou pelo menos não diretamente à data da sua aquisição/arrendamento do fogo habitacional no Bairro do Armador. É igualmente de especial relevância não esquecer os percursos migratórios destas pessoas, que, nas datas dos encontros que marcaram com a entrevistadora, eram perfeitos nómadas, em movimento, de partida ou de chegada, sempre à procura de alguma resposta para as exigências que a crise económica impôs aos agregados familiares. Um dos inquiridos responde “Éramos muitos, mas agora com a crise há muitas famílias que vão embora. Tavam aqui com casa de câmara, não há trabalho e vão-se embora.”. Os fortes laços familiares levam-nos a procurar as soluções para as suas vidas no espaço da diáspora.

Em suma, a comunidade hindu do Armador é possuidora de uma defesa identitária que limita o seu universo de relações sociais. Olham para o realojamento como uma benção, uma subida na qualidade de vida, e até chegam a dizer que não queriam morar noutra sítio, porque pode haver pouca segurança para quem vem de fora, mas para quem lá vive é perfeito. Contudo, seria de esperar pessoas com já alguma facilidade de comunicação e abertura para outras comunidades, mas a geração que chegou inicialmente à Quinta, é ainda fiel à origem, embora não haja uma coexistência conflitual com populações etnicamente diferenciadas. Verifica-se uma tendência endogâmica, contudo há alguns casais que também ganham coragem para romper com essa tradição.

### 3.4 Reflexão crítica

Os bairros, embora territorialmente implantados, são, antes de tudo, construções sociais. (Cachado, 2012: 30). Quantas pessoas da comunidade hindu do bairro do Armador têm acesso à cidadania plena? Da escola, instituição que melhor pode integrar na cidade etnicamente diversa em que vivemos, recebemos ecos de duas jovens (cujas origens eram de Diu) sobre a impossibilidade de frequentar as aulas de Português Língua Não Materna (PLNM), por falta de vagas. E assim a escola perpetua a ideia de que aulas para estrangeiros são para os alunos oriundos dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), ideia essa errada, e dos países de Leste. E conseqüentemente, prevalece uma boa vontade de multiculturalismo, em vez de interculturalismo. Se observarmos e lermos a imagem com a explicação da entrada no Bairro do Armador, uma das “armas” sedutoras do bairro é mesmo essa, a de uma multiculturalidade, referida como característica quase “exótica” do bairro:



Figura 15: Parte da sinalética com explicação histórica

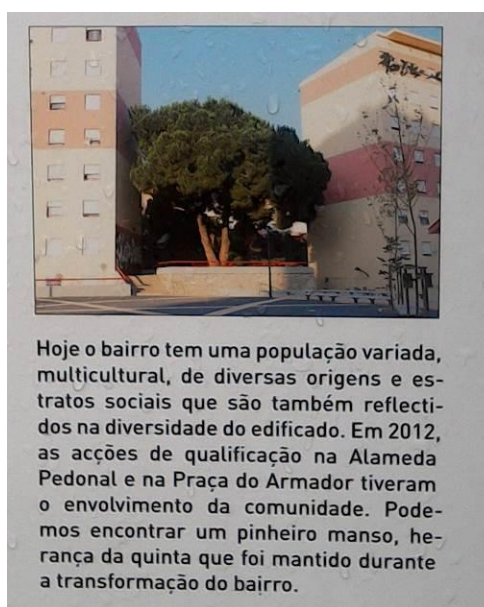


Figura 16: Ampliação da parte explicativa da população que habita no bairro

Parece-nos haver alguma confusão nestes conceitos e por isso é relevante referir alguns apontamentos sobre este assunto. Numa aula de *O Espaço das Migrações*, o professor Malheiros colocou-nos a refletir sobre o contexto multicultural (no sentido pluralista), no qual a cultura é um conceito estático e isolado, onde existe a representação da minha própria cultura em contraponto à cultura específica do outro.

Reconhece-se a diferença e a coexistência de várias diferenças num espaço, mas a verdade é que a diversidade não tem propostas concretas para ser lidada. Ao contrário, o contexto intercultural reconhece a cultura como um conceito dinâmico e relacionado, para além e fora da minha própria cultura. Promove a interação de diferenças e vai mais além: procura compreender pela diferença a forma como o outro se nos apresenta. Não nos iludamos com as respostas dos entrevistados de origem portuguesa: muitos falam sobre o conhecimento que possuem da cultura indiana, todos elogiam a comunidade hindu e alegam lidar bem com a diversidade... mas quantas situações efetivas de interação existem de verdade? Poderíamos questionar sobre as mudanças que ocorreram quer nos autoctones que moram no bairro do Armador, quer nos imigrantes. Sinais de alguma integração a esse nível poderiam ser referidos: a participação das famílias portuguesas nos casamentos hindus dos jovens do bairro, a mesma participação ao contrário nas festas de primeira comunhão... mas é uma taxa ínfima de autêntica mistura. “La plasticité désigne la capacité qu’ont certains composants à s’in-former (recevoir une forme) et à se dé-former, tout en gardant unité et cohérence. La plasticité est donc une condition nécessaire pour que la vie apparaisse, se maintienne et puisse évoluer » (Dominique Lambert). Acreditamos que esta plasticidade do Bairro do Armador tenderá a surgir mais tarde, quando as pessoas estiverem menos tempo em movimento, entenda-se, que se fixem por períodos mais longos, e consigam entrar em diálogo. Foi igualmente nosso parecer, decorrente das observações que fomos fazendo ao longo dos últimos dezoito meses, que apenas o conhecimento do outro poderá fazer desbloquear o caminho para a integração que leve à participação na vida do bairro. A construção de atividades e bens comuns através de forças individuais que atuam em conjunto tem de entrar nas prioridades de um bairro que, apesar de já se encontrar numa fase adolescente, parece ainda estar numa etapa embrionária.

Verifica-se também a presença de preconceitos quanto a quem não parece português, com a tentativa de uniformizar, como se a beleza do bairro fosse posta em causa pelas diferenças que se observam no dia-a-dia. O desconhecimento leva à ignorância de continuar a chamar de “minorias étnicas”, “imigrantes”, “indianos”, quem muitas vezes já nasceu, cresceu, estudou, casou aqui.

Outro dos aspetos relevantes observados e que nos surpreendeu, uma vez que viamos a boa-vontade de todos no que respeitava ao desejo de ser parte ativa das decisões, foi quanto ao direito de participação, o qual é disforme: vem de cima para baixo. Não há representante da comunidade hindu no grupo comunitário. Ex.: a comunidade paroquial S. Maximiliano Kolbe quer convidar alguém da população indiana, do bairro do Armador, para falar na sua festa sobre um elemento da cultura e não sabe a quem recorrer. Isso poderá ser fruto de algum desenraizamento (ou de alguma desestruturação, sobretudo ao nível mais formal), já referido na caracterização que fizemos da comunidade hindú, e que se terá acentuado em consequência da crise, que levou muitos dos realojados a partir novamente.

Surpreendeu-nos ouvir que alguns moradores acreditavam que não havia forma de comunicar por causa da língua, mas em cada casa indiana, há sempre alguém que percebe um pouco de português.<sup>10</sup>

Deixa-nos igualmente perplexos a questão das instituições no bairro, em particular a empresa municipal que gere o património habitacional. Há dois anos deu-se o encerramento da loja da Gebalis no bairro e a transferência dos seus serviços para a Loja do cidadão, no Bairro da Flamenga (serviços mais centrais e pouco ou nada personalizados, sem a presença de mediadores). As pessoas queixam-se deste funcionamento. Falam da mudança dos técnicos, do desconhecimento que as pessoas têm face aos bairros onde trabalham e que nós próprios pudemos constatar quando nos dirigimos à Loja do Cidadão da Bela Vista, acreditando que seria o sítio ideal para pedir as informações que necessitávamos, e onde fomos surpreendidos pela pessoa que dizia desconhecer de todo o Bairro do Armador.

Alguns encontros mais informais vão acontecendo: o rito religioso hindu na escola primária, alguns encontros na mercearia indiana (a única do bairro) que tem uma divisão tapada com um pano indiano, onde se sentam os “patriarcas” que tertuliam sobre uma futura Casa de Diu, à semelhança da Casa de Goa. Foi do interesse da investigadora que este trabalho de investigação promovesse uma reflexão sobre o realojamento da comunidade indiana no Bairro do Armador, procurando estabelecer

---

<sup>10</sup> Na entrevista com KP isto mesmo foi comentado.

algumas considerações sobre esse processo, seu acompanhamento e a integração desta etnia no quadro das relações sociais do bairro e, também, na rede de eventos, instituições e projetos com intervenção relevante neste espaço geográfico. Afinal, passaram-se quase 20 anos desde a atribuição dos fogos de habitação social a estas famílias.

## 4. Notas Finais

Neste trabalho foi uma preocupação constante querer traçar um percurso de leitura organizador do que é o Bairro do Armador, de onde ele nasce e o porquê, como são os procedimentos relativos à habitação e em que medida o grupo de pessoas que denominámos de “comunidade hindu” é um grupo que está integrado neste lugar, com sinais visíveis da sua participação social. Percorremos o bairro, quer em termos históricos e geográficos, quer em termos sociais e humanos, recorrendo às pesquisas e leituras de bibliografia relevante, bem como a encontros e entrevistas com as pessoas que aqui habitam.

O que é preciso compreender, é que esta pesquisa faz algumas considerações que talvez possam abrir os caminhos para uma reflexão mais aprofundada sobre o realojamento que queremos e desejamos para qualquer comunidade, independentemente das suas origens e nacionalidade. Portanto, destacamos alguns dos pontos que se nos afiguram como determinantes, talvez para alguma instituição com intervenção social no bairro:

- Parece-nos fulcral que entre um estudo, um recenseamento ou uma atualização de dados e uma intervenção no património habitacional, não decorram anos, muito menos décadas. A situação económica que as famílias vivem é de muita incerteza, pelo que as respostas, mesmo que sejam com pouca visibilidade, devem ser dadas com a maior brevidade possível.
- O conhecimento da população que se realoja tem de ir mais além do que o simples inquérito estatístico ou o preenchimento de tabelas com números. Para se poder afirmar o que se afirma em Costa e Subtil (2013) “A atribuição de uma habitação, condigna e adequada, estando consagrada como um direito fundamental na Constituição da República de 1976 representou para um grande número de famílias um salto qualitativo, estando hoje perfeitamente integradas no seu bairro, sem problemáticas sociais associadas...”, necessitamos de tempo, de um trabalho no terreno com técnicos e mediadores que compreendam as dinâmicas de vizinhança e que saibam concretamente como é a vida das pessoas que habitam no bairro.

- O bairro do Armador precisa de estar mais sinalizado, com melhores acessos e menos mediatizado negativamente para que se conheçam espaços que lhe dão uma qualidade de vida pouco competitiva com alguns bairros envolventes, como as Olaias. Falamos, pois, de espaços como o Parque da Bela Vista, um espaço verde enorme, dentro da cidade.
- A deslocalização de instituições como a Gebalis e a sua transferência para o bairro vizinho, com outros técnicos que desconhecem o bairro do Armador, distancia cada vez mais os habitantes do bairro da autarquia, o que é contrário à intenção integradora que deve ser inerente a todos os projetos de realojamento que decorrem nas cidades.
- A reabilitação tem de ser um trabalho constante, que envolve “fazer cidade”, implicando, por exemplo, o tratamento, a segurança e a animação do espaço público. Além disso, há sempre a possibilidade de aproveitar o potencial humano que o bairro possa oferecer nesse desiderato de “fazer cidade”, de reforçar o sentido de pertença local?
- A comunidade hindu não pode ser considerada “integrada”, porque convive de forma pacífica com os vários habitantes e com os espaços do bairro. A integração requer uma reflexão maior, da parte de quem acolhe e de quem é acolhido. A interação tem que ser autêntica e só assim as relações de vizinhança serão validadas para se poder afirmar que há efetivamente integração.

Por fim, gostaríamos de reforçar que “A simples coexistência espacial não se traduz em coexistência social efetiva, isto é, no incremento das relações sociais mais profundas entre os membros dos distintos grupos sociais e étnicos e na eventual geração de um sentido de comunidade de bairro intergrupala.” (Musterd & Andersson 2005; Arbaci & Era 2012; Malheiros, Carvalho e Mendes 2012). O exemplo disso seriam as inúmeras atitudes e comportamentos que pudemos observar nestes meses, tais como a ausência de mulheres de origem portuguesa nas casas das mulheres hindus; a convivência de quase 15 anos em alguns casos, sem que isso se tenha transformado num conhecimento aprofundado do que são as práticas religiosas, culinárias, etc de uns e outros; o enorme afastamento face a etnias africanas ou à comunidade cigana,

mesmo quando a vizinhança é de uma porta em frente a outra e muitas outras atitudes que são surpreendentes para quem acredita que misturar pessoas diferentes é por si só provocar a interação e consequentemente a interculturalidade. Relendo as respostas que fomos transcrevendo e que gravámos e o posicionamento de ambas as partes (comunidade de acolhimento e comunidade acolhida) em relação ao outro, denotamos a ausência de coexistência social efetiva na maioria dos casos. Algumas considerações a colocar, acrescentando às referidas anteriormente, prendem-se quanto ao posicionamento que a autarquia, representada pela GEBALIS pode tomar face a estas questões. É do nosso parecer que um processo de realojamento, sobretudo como este, com todas as condicionantes, avanços e recuos que foi sofrendo ao longo das décadas passadas, deve investir no acompanhamento da sua população. Qualquer processo de integração residencial é lento, pressupõe continuidade pedagógica para quem trabalha no terreno e o incremento de espaços de trabalho cujas vozes participantes sejam as dos moradores e não apenas de quem está de fora. Consideramos que é essencial ir ao encontro das pessoas e não esperar apenas que as pessoas procurem as instituições para “curar”, quando o ideal seria trabalhar para “prevenir” e muito mais para construir. Acrescentamos a preocupação face à presença de instituições que poderiam ter algum peso neste sentido e que por razões diversas e alheias às mesmas, são praticamente desconhecidas pelos próprios moradores. Referimo-nos à Comissão de Proteção de Crianças e Jovens da zona Oriental e à sede do Conselho Português para os Refugiados. De referir as questões com que ficámos, uma vez que este trabalho elucida-nos quanto a inquietudes e impasses que condicionaram e condicionam todos os dias a integração da comunidade hindu no bairro. Após este percurso de investigação, perguntamo-nos o que fazer e como fazer para incrementar a criação de redes reais de socialização, de interação para construir o bairro intercultural e promover a progressiva integração das diversas comunidades presentes neste espaço? Qual o passo para pôr em diálogo os indianos hindus do Armador com todas as pessoas que constroem o desiderato de “fazer cidade”? Acreditamos que esta dissertação desbravou o caminho para o conhecimento e diálogo mais frutífero com os hindus do Armador, pelo que gostaríamos que o desafio seguinte fosse, no grupo comunitário, debater as questões que colocámos

anteriormente, com a dinâmica de participação de todos os grupos presentes no bairro, incluindo a representação da comunidade hindu. Esperamos que isso possa acontecer para breve.

## 5. Bibliografia

Bastos, S., (1990). *A comunidade hindu da Quinta da Holandesa. Um estudo antropológico sobre a organização sócio-espacial da casa*. Lisboa: LNEC.

Bastos, S.; Bastos, J., (2001), *De Moçambique a Portugal. Reinterpretações Identitárias do Hinduísmo em viagem*. Lisboa: Fundação Oriente.

Bastos, S., (2005) "Identity porosity in the Portuguese speaking hindu diaspora: some reflections on syncretic work". ANTROPOLógicas, Nº 9. Porto.

Bracons, H. (2003), *Processo de realojamento e apropriação do espaço num bairro multi-étnico*. Tese de mestrado. ISSSL.

Belo, R. (2000), *Todos os Poemas*, Lisboa:, Assírio & Alvim.

Cachado, R., (2009) *Trajectos interurbanos na diáspora:o elo esquecido da mobilidade social*,\_CIES e-WORKING PAPER N.º 83/2009.

Cachado, R., (2012). *Uma etnografia na cidade alargada. Hindus da Quinta da Vitória em processo de realojamento*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian .

Cachado, R. (2013), "O Programa Especial de Realojamento. Ambiente histórico, político e social.". In *Análise Social*, 206, XLVIII (1º). Lisboa: ICS.

Cachado, R., (2013), "O registo escondido num bairro em processo de realojamento: o caso dos hindus da Quinta da Vitória". *Etnográfica* vol. 17 (3) .

Carapinha, A. (2010) *Influência do processo de realojamento na percepção de sentido de comunidade e apoio social percebido*. Tese de Mestrado da Faculdade de Psicologia, da Universidade de Lisboa.

Castro, P., Freitas, M.J., (1991), *Contributos de grupos étnicos residentes na cidade de Lisboa*. Lisboa: LNEC.

Costa, I., Subtil, M. (2013), *Programas de Realojamento PER e PIMP. Relatório de Finalização*.Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa,pp. 8,9.

Coelho, A., (2012), "Chelas e a urgência e oportunidade da sua regeneração ", *Infohabitar*, Ano VIII, n.º 378.

Fonseca, M. L.,(2008). "Condições de Habitação e integração dos imigrantes em Portugal: desafios e políticas".In Vitorino, A. (Coord.) *Migrações: oportunidade ou ameaça? A Habitação e a saúde na integração dos imigrantes*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Princípia.

Fonseca, M.L., Esteves, A., Malheiros, J., McGarrigle, J, (2013). “Habitação, Imigração e integração sócio-territorial: notas e reflexões a partir do caso da região do Algarve”, in : Fonseca, M.L., Góis, P., Marques, J.C, Peixoto, J. (org.) Migrações na Europa e em Portugal. Ensaio de Homenagem a Maria Ioannis Baganha. Lisboa: Almedina.

Harrison, M., (2003), “Grupos étnicos minoritários e migrantes no Reino Unido: experiências de alojamento, políticas desenvolvidas e prioridades de investigação”, in: Vitorino, A. (Coord.), (2008), Migrações: oportunidade ou ameaça? A Habitação e a saúde na integração dos imigrante. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Princípia.

Heitor, T. (1996), *A vulnerabilidade do espaço em Chelas: uma abordagem sintáctica*. Tese de Doutoramento. Lisboa: UTL, Instituto Superior Técnico.

Hiebert, D., (2002). “Cosmopolitanism at the local level: Immigrant settlement and the development of transnational neighbourhoods”, in *Research on Immigration and Integration in the Metropolis*.

Huddleston, T.; Niessen, J.; Chaoimh, E.; White, E., (2001), Migrant Integration Policy INDEX III, Portugal.

João H.C., António et al. (2011). *Os imigrantes e a imigração aos olhos dos portugueses. Manifestações de preconceito e perspectivas sobre a inserção de imigrantes*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Malheiros, J., (1996). *Imigrantes na região de Lisboa: os anos da mudança. Imigração e processo de integração das comunidades de origem indiana*. Lisboa: Edições Colibri.

Malheiros, J., (2008), “Comunidades de origem indiana na Área Metropolitana de Lisboa –iniciativas empresariais e estratégias sociais criativas na cidade”, in Oliveira, C. e Rath, J. (org.), *Revista Migrações - Número Temático Empreendedorismo Imigrante*, Outubro 2008, n.º 3, Lisboa: ACIDI.

Malheiros, J.; Fonseca, M.L. (coords.), (2011), *Acesso à habitação e problemas residenciais dos imigrantes em Portugal*. Coleção Estudos OI, 48. Lisboa: ACIDI.

Malheiros, J., Carvalho, R., Mendes, L.(2012), “Etnicização residencial e nobilitação urbana marginal: processo de ajustamento ou prática emancipatória num bairro do centro histórico de Lisboa?”, *Sociologia- Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Número temático: *Imigração, Diversidade e Convivência Cultural*.

Machado, F. L., Azevedo, J. (2008), "A investigação sobre imigração e etnicidade em Portugal: tendências, vazios e propostas", in *Revista Migrações*, abril 2009, nº4, Lisboa: ACIDI.

Marques, M., Santos, R. & Leitão, J. (2008). *Migrações e participação social. As associações e a construção da cidadania em contexto de diversidade- o caso de Oeiras*. Lisboa: Fim de Século.

Martinelli, M.L., (1994) *O uso de abordagens qualitativas na pesquisa em Serviço Social*. NESPI nº 1. São Paulo: PUCSP. URL: [http://www.unisc.br/portal/upload/com\\_arquivo/pesquisa\\_quantitativa\\_qualitativa\\_q\\_uanti\\_quali.pdf](http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/pesquisa_quantitativa_qualitativa_q_uanti_quali.pdf) [consult. 12.10.2014].

Pandey, A.; Aggarwal, A.; Devane, R.; Kuznetsov, Y., (2004), "India's Transformation to Knowledge-based Economy – Evolving Role of the Indian Diaspora".Evalueserve.

Peixoto, J. & Iorio, J., (2010). *Crise, imigração e mercado de trabalho em Portugal. Retorno, regulação ou resistência?*.(2011). Cascais: Principia.

Peralta, D. (2001), *Mobilidade pedonal: humanização do espaço público junto a nós viários. Caso de estudo: o nó viário da Bela Vista*. Tese de Mestrado. Lisboa: IST.

Pereira, A., et al. (2011). *Habitat e minorias. O que pode a promoção pública da habitação?*. Lisboa:LNEC.

Pires, R., (1999) "Uma teoria dos processos de integração". In *Sociologia-Problemas e Práticas*, nº 30. URL: <http://sociologiapp.iscte.pt/pdfs/10/112.pdf> [consult. 13.12.2014].

Rutter, J.; Latorre, M.(2009) "Social housing allocation and immigrant communities".. Migration, Equalities and Citizenship Team. Manchester: EHRC RESEARCH REPORT SERIES.

Thomas, R. (2013) "Viewing immigrants' housing and neighbourhood choices through the lens of community resilience". Surveys and Perspectives Integrating Environment and Society (S.A.P.I.E.N.S.).

Sandercock, L., (2004), "Integrating Immigrants: The Challenge for Cities, City Governments, and the City-Building Professions" in *Cosmopolis 2: Mongrel Cities of the 21st Century*, chapter 6 (New York: Continuum).

Sant'Ana, Helena (2009),*Migrantes Hindus em Portugal: Trajectos, Margens e Poderes*. Tese de doutoramento. ISCTE-IUL.

“Bairros de Lisboa. Objetivo Qualidade”. 2003. Lisboa: Gebalis.

“Boletim do Departamento de Gestão Social do Parque Habitacional- 1”. 1997  
Lisboa: CML.

**Sítios web consultados:**

Junta de Freguesia de Marvila: <http://jf-marvila.pt/>

Câmara Municipal de Lisboa: <http://www.cm-lisboa.pt/>

Comunidade Hindu de Portugal: <http://www.comunidadehindu.org/>

Gebalis: <http://www.gebalis.pt/Paginas/default.aspx>

## 6. Índice de Figuras

	Pág.
Figura 1: Imagem da Avenida Almirante Gago Coutinho, da Google Earth (2007). À direita o Bairro do Armador.	24
Figura 2: Imagem da Avenida Almirante Gago Coutinho+ Estados Unidos da América, da Google Earth (2007).	25
Figura 3: Quinta da Montanha e Avenida Estados Unidos da América.	25
Figura 4: Quinta da Montanha e Quinta da Holandesa, separadas pela linha do comboio.	26
Figura 5: Indicações de quem sobe da Rua Cidade de Bratislava.	34
Figura 6: Sinalética: Bairro do Armador.	35
Figura 7: Imagem com mapa da área do Bairro do Armador, da Google Earth (2007).	36
Figura 8: “O prédio do lápis”.	37
Figura 9: Condomínio fechado.	38
Figura 10: Prédio de Cooperativa.	38
Figura 11: Entrada de um prédio de habitação social.	38
Figura 12: Entrada no bairro, antes e depois de 2004.	39
Figura 13: Prédio do bairro do Armador com um Saree no estendal, 2015.	43
Figura 14: Quinta da Holandesa com um Saree no estendal, 1990.	43
Figura 15: Parte da sinalética com explicação histórica.	59
Figura 16: Ampliação da parte explicativa da população que habita no bairro.	59
Figura 17: Rua Bento Gonçalves.	108
Figura 18: Corredor público entre os prédios de cooperativa.	108
Figura 19: Atrás da Avenida Vergílio Ferreira.	108
Figura 20: Jardim da François Mitterrand.	108
Figura 21: Parque da Bela Vista:vista para as Olaias.	109
Figura 22: Parque da Bela Vista: Casa das Cores.	109
Figura 23: Parque da Bela Vista:caminho pedonal e de bicicletas para as Olaias.	109

Figura 24:	Parque da Bela Vista: metro e linha do comboio.	109
Figura 25:	Na Rua Bento Gonçalves.	110
Figura 26:	Entre as ruas Gilberto Freyre e Bento Gonçalves.	110
Figura 27:	Na Rua Jorge Amado.	111
Figura 28:	Num prédio da Avenida François Mitterrand.	111
Figura 29:	Fundação PT: Futuro Autónomo.	112
Figura 30:	Partido Comunista de Marvila.	112
Figura 31:	Creche Jean Piaget.	113
Figura 32:	EB 1 do Armador.	113
Figura 33:	Escola de Trânsito para crianças (fechada).	114
Figura 34:	Unidade de Saúde da SCML	114
Figura 35:	Passeio onde se localiza a CPCJ e onde ficava o gabinete da Gebalis.	115
Figura 36:	Farmácia.	115
Figura 37:	Igreja Evangélica.	116
Figura 38:	Fundação Oriente.	116
Figura 39:	Lavandaria/Engomadoria na entrada do bairro.Rua Bento Gonçalves.	117
Figura 40:	Loja indiana (1).	117
Figura 41:	Café e loja indiana (entrada principal).	117

## **7. Anexos**

### **7.1 Guião da entrevista: aos moradores de origem portuguesa do bairro**

#### **Questão de partida**

Apresentação livre

#### **Objetivo:**

Abrir caminho para uma comunicação livre

#### **Questões**

Há quanto tempo vivem nesta casa?

Onde é que viviam antes do Bairro do Armador

Houve algum critério na atribuição da vossa casa? E quando vieram para aqui, foi-vos informado atempadamente que vizinhança teriam, se teriam portugueses, africanos

Quanto tempo antes vieram ver isto?

E que etnias vocês identificam aqui o bairro? Quais as etnias que vocês têm consciência que existem aqui no bairro?

E quais são os sinais que vêm da existência dessas etnias, como é que vêm que eles vivem aqui?

Mais sinais concretos

#### **Objetivo:**

Analisar a satisfação residencial dos moradores de origem portuguesa face aos espaços comuns do bairro e à vizinhança no geral. Compreender de que forma e que representações têm do seu espaço habitacional bem como da vizinhança.

#### **Questões:**

Sabem dizer quantas famílias indianas vivem convosco, no vosso lote?

E no bairro?

O que é que vocês acham de terem famílias indianas a viverem tão próximas de vocês?

E um elemento da cultura dessas famílias que vocês conheçam bem... porque já participaram, porque já viram, enfim um elemento qualquer

Já promoveram algum encontro, alguma reunião, ou convidaram, para outras... outros encontros, mesmo que não seja na vossa casa, portanto um momento em que há um encontro entre a vossa família e a família indiana

Se pudessem dizer algo que não gostam nos indianos, o que diriam... muito livremente?

Manifestações culturais indianas no bairro?

Se precisar de um ingrediente de emergência para o seu jantar, ou de pedir uns trocos para o pão porque esqueceu-se de levantar dinheiro, é capaz de pedir a uma família indiana sua vizinha?

**Objetivo:**

Verificar as representações que os moradores têm da comunidade indiana no geral. Entender se existem redes de sociabilidade entre as duas comunidades.

**Questões**

O Bairro do Armador sem famílias indianas seria...

O melhor do bairro do Armador é...

**Objetivo**

Reforçar a reflexão previamente feita pelas questões anteriores

## 7.2 Guião da entrevista: aos moradores de origem indiana do bairro

### Questão de partida

Apresentação livre

Objetivo:

Abrir caminho para uma comunicação livre

### Questões

Há quanto tempo vivem nesta casa?

Onde é que viviam antes do Bairro do Armador

Houve algum critério na atribuição da vossa casa? E quando vieram para aqui, foi-vos informado atempadamente que vizinhança teriam, se teriam portugueses, africanos...?

Quantas famílias indianas vivem aqui?

E que etnias vocês identificam aqui o bairro? Quais as etnias que vocês têm consciência que existem aqui no bairro?

Quantas famílias de outras etnias é que conhece e frequenta a casa? Pessoas que poderia dizer agora que são suas amigas

Pessoas a quem daria a sua chave de casa, a quem emprestaria dinheiro ou pediria alguma coisa emprestada

### Objetivo:

compreender a forma como os diferentes grupos culturais presentes se relacionam entre si. Perceber a forma como é percecionado o espaço habitacional

### Questões:

Que serviços conhecem aqui no bairro?

Há alguma associação ligada à comunidade indiana aqui no bairro

Aqui no bairro... houve alguma comemoração ou manifestação na rua da comunidade indiana?

O que é que os outros gostam mais nos indianos?

### Objetivos:

Analisar a satisfação residencial, que melhorias é que o realojamento trouxe para a vida destas pessoas, quão integradas se sentem no espaço habitacional onde estão

**Questões:**

O bairro do armador é bom para se viver?

Que serviços conhecem aqui no bairro?

Há alguma associação ligada à comunidade indiana aqui no bairro

Aqui no bairro... houve alguma comemoração ou manifestação na rua da comunidade indiana?

O que é que os outros gostam mais nos indianos?

O bairro do armador é bom para se viver?

### 7.3 Perguntas que evidenciam indicadores da integração económica:

		Perguntas efetuadas para recolha dos indicadores
Caracterização sociodemográfica	Profissão, estatuto	Qual é a sua profissão?; O que faz
Deslocações e acessibilidades	Transportes que utiliza	Circula mais de autocarro ou a pé?; Que meios de transporte utiliza?
Trajectoria socioprofissional	Experiências de trabalho, formação académica/profissional	Qual é a sua atividade, o que já fez ou faz, habilitações académicas

#### 7.4 Perguntas que evidenciam indicadores da relação inter-étnica

		Perguntas efetuadas para recolha dos indicadores
Centração étnica	Saliência da pertença étnica na percepção da estrutura social; musica que ouve; hábitos de encontro/reunião com pessoas da mesma etnia no bairro; contactos que estabelece e/ou mantém com a família no exterior; hábitos gastronómicos	Quantas etnias identifica presentes aqui no bairro?; Quais etnias estão aqui no bairro?; Há alguma associação ligada à comunidade indiana aqui no bairro; Aqui no bairro... houve alguma comemoração ou manifestação na rua da comunidade indiana?
Relações interétnicas	Frequentar festas dos outros grupos; participar em celebrações religiosas; ser convidados para algum evento dos vizinhos; participar nos momentos de convívio do bairro	Quantas famílias de outras etnias é que conhece e frequenta a casa? Pessoas que poderia dizer agora que são suas amigas?; Pessoas a quem daria a sua chave de casa, a quem emprestaria dinheiro ou pediria alguma coisa emprestada?; Quantas vezes isso já aconteceu?; Já promoveram algum encontro, alguma reunião, ou convidaram, para outras... outros encontros, mesmo que não seja na vossa casa, portanto um momento em que há um encontro entre a vossa família e a família indiana?

**7.5 Perguntas que evidenciam indicadores das representações face à casa e ao bairro**

		Perguntas efetuadas para recolha dos indicadores
Centração estrutural e funcional	Concentração dos serviços de bem públicos e possibilidades a nível das relações sociais	Que serviços conhecem aqui no bairro?; Há alguma associação ligada à comunidade indiana aqui no bairro?; O bairro do Armador é bom para se viver?
Segurança	Manifestação de sentimentos de insegurança, criminalidade	O melhor do bairro do Armador é...;
Higiene	Manifestação de sentimentos face à limpeza das ruas, prédios, condomínios	O melhor do bairro do Armador é...;
Crença na eficácia do realojamento	Opiniões sobre as condições de vida	O melhor do bairro do Armador é...;

## 7.6 Tabela de respostas dadas pelos entrevistados 1

Visão de portugueses sobre o bairro e as famílias indianas- respostas transcritas da entrevista, sem trabalhar a linguagem

1	IDENTIFICAÇÃO DOS ENTREVISTADOS	Mulher, Empregada doméstica, 40 anos, vive na cooperativa, vai ser designada de MCJ	Mulher, Empregada de balcão, 38 anos, vive num prédio na parte norte do bairro, casa de habitação social, designada PD	Mulher, Empregada de balcão, 41 anos, vive num prédio na parte norte do bairro, casa de habitação social, designada MJ	Homem, Cozinheiro, 53 anos, vive na cooperativa, designado de JH	Homem, Empregado call-center, 20 anos, vive na zona norte do bairro, casa de habitação social, designado NG	Mulher, Empregada doméstica, 53 anos, vive na cooperativa, vai ser designada de TBP	Mulher, estudante, 18 anos, vive na cooperativa, designada CBP	Homem, estudante, 19 anos, vive na cooperativa, designado FBP
2	Há quanto tempo vivem nesta casa?	13	16	20	13	20	13	13	13
3	Onde é que viviam antes do Bairro do Armador	Campo Sant'ana	Bairro da Flamengo	Quinta da Calçada	Campo Sant'ana	----- -	Campo de Ourique	Campo de Ourique	Campo de Ourique
4	Houve algum critério na atribuição da vossa casa? E quando vieram para aqui, foi-vos informado atempadamente que vizinhança teriam, se teriam portugueses, africanos...?	Nada	Nada	Fomos informados para o que vinhamos	Não	----- -	Não, não nos disseram nada, se eram, pessoas de outras religiões ou isso, de outros países	-----	----- --
5	Quanto tempo antes	Uns meses	Conhecia por estar	Um tempo	Uns meses	----- ----	Vimos uns mesitos	----- -	----- --

	vieram ver isto?		aqui perto	antes, mas o meu marido foi quem construiu os lotes todos depois dos nossos			antes, vimos que isto era muito duro, vimos que havia pessoas de cor e de mau aspeto.		
6	E que etnias vocês identificam aqui o bairro? Quais as etnias que vocês têm consciência que existem aqui no bairro?	Ciganos, ucranianos, chineses	Ciganos, indianos, africanos	Ciganos, indianos, africanos, chineses	Indianos, pretos	Indianos, africanos, chineses... de tudo um pouco	Muitos	Cabo-verdianos, chineses, portugueses, africanos, indianos	Indianos, africanos, ciganos
7	E quais são os sinais que vêem da existência dessas etnias, como é que vêem que eles vivem aqui?	Porque os vemos no dia-a-dia, andam nos autocarros, na rua, nos prédios, a entrarem nos prédios e a sair...	Sim, os indianos, têm sempre aqueles símbolos deles... os ciganos têm as portas partidas	Vemos na rua	Vemo-los por aí	As roupas	No autocarro, quando estamos na paragem, ou também quando vamos ao supermercado, conversamos...é os contactos que temos com eles. Eu sou assim	Não responde	Pelo estilo deles, destacam-se pelo estilo de vida
8	Mais sinais concretos	Ah sim, o cheiro, mas aqui na rua não se nota, mas sim, o	Não responde	Não responde	Antes de fazerem aqui a escola faziam ali uma	Os cabelos das raparigas indianas. Adoro! São tão	É quando vão a passar e a gente sabe que eles são daqui, saem	Não responde	Não responde

		cheiro da comida deles, da cozinha tradicional indiana.			fogueira, festas, mas agora não tenho visto isso. Agora ocuparam o espaço deles e por isso já nem vejo tanto. Era isso.	compridos e bonitos	dos prédios a gente se encontra no prédio, ou nos condomínios. Também na igreja encontramos pessoas africanas. Os indianos já não, os ciganos tb não, mas os africanos encontramos muito na igreja.		
9	Sabem dizer quantas famílias indianas vivem convosco, no vosso lote?	Uma	duas	zero	uma	zero	uma	Uma	Uma
10	E no bairro?	Muitas	Muitas	Muitas	Algumas	Muitas na zona mais baixa do bairro. E se reparares, são todos família entre eles	Muitas	Umas cem	Muitas
11	O que é que vocês acham de terem famílias indianas a viverem tão próximas de vocês?	São pessoas fantásticas, comunicativas, amigos	Bem, são pessoas nada conflituosas	É da nossa família, é como ter pessoas da nossa raça	Acho bem. Prefiro indianos a pretos	Gosto	Acho que são pessoas que têm uma maneira de viver diferente mas que pouco a pouco a gente	Acho bem, porque nós sabemos como reagir a coisas da nossa cultura normais,	São experiências, a interação com outras culturas ficamos a saber coisas que não

							aprendemos a conviver uns com os outros e acho que não temos que ser todos iguaizinhos. Desde que sejam responsáveis com a vida que escolheram	mas tipo, sem os indianos aqui, não saberiamos como era os casamentos. Por exemplo, as raparigas casam bem novas, tipo, há raparigas mais novas que eu e que já tão casadas. Eu via elas ali na rua a brincar comigo na rua e agora já têm marido e filhos. E isso na cultura deles é normal, na nossa não é nada normal.	sabemos só com a nossa... não sei
1 2	E um elemento da cultura dessas famílias que vocês conheçam	Entrar descalça quando falece um ente querido, O traje, o	Não responde	As mulheres não podem participar nos	A comida	se reparares, todas as indianas, pelo menos as que	A religião é outra. Às vezes apanho-os aí numas rezas	Aquilo da carne, o sinal na testa para dizer que são casadas	as roupas, o vestuário, aquele sinal que não sei o que

	bem... porque já participaram , porque já viram, enfim um elemento qualquer	caril, mas o caril em si não existe... o caril é uma mistura de vários elementos, o casamento de uma planta por causa de uma festa qualquer		funerais dos maridos		conheço, todas têm o cabelo preto e comprido e liso. E pelo o que eu soube, elas lavam o cabelo com óleo. Depois, é verdade, as indianas são mais inteligente s, por exemplo na língua inglesa, no Inglês eles fazem coisas...No Inglês e na eletrônica Na eletrônica, na informátic a ... e na matemátic a também, sim, também são inteligente s na matemátic a			simboliza, é muito conhecido .
1 3	Já promoveram algum encontro,	Sim, já fomos juntos a Fátima. E	Não	Eles gostam da nossa comida	Sim, eles vêm as nossas festas,	Não	Cá em casa não mas na casa do Afonso	Não responde	Em casa não

	alguma reunião, ou convidaram, para outras... outros encontros, mesmo que não seja na vossa casa, portanto um momento em que há um encontro entre a vossa família e a família indiana?	eles vêm sempre às nossas festas de aniversário, e nós às deles			vamos juntos ao parque		[vizinho de baixo] já convivemos com eles. Já almoçamos e convivemos com eles. São pessoas muito simpáticas e se fossem portugueses não se ia notar que eram diferentes de nós		
1 4	Se pudessem dizer algo que não gostam nos indianos, o que diriam... muito livremente?	Eu nadinha	O cheiro... há um perfume. ..	Acho que nada	Nada	São uns chatos, às vezes falam pelos cotovelos	As comidas picantes... Os cheiros	Não responde	Se calhar acho que eles deviam socializar mais com outras culturas. Têm um convívio muito fechado, muito restrito. Restringe m-se muito à sua cultura, são muito seletivos, não socializam muito com outras culturas.
1	Manifestaçõ	Há uma vez	Que eu	Aquele	Acho que	Umás	Umás rezas	Não	há uma

5	es culturais indianas no bairro	em que eles fazem uma grande fogueira e parece que andam à volta da fogueira. Parece que faziam aquilo na escola, agora fazem num descampado lá em baixo. é uma coisa que eles fazem numa época do ano com oferendas para os deles. Levam alguns sinais, levam comida, cada um leva o que tem e ficam ali à volta da fogueira... cantam e dançam	saiba nenhum	da fogueira	faziam uma fogueira para aí	danças e uma fogueira		responde	espécie de casa onde eles se reúnem, ficam lá a falar sobre a vida cristã . Recordo ter visto na semana passada se não me engano, ou há duas semanas. A esta hora, ao jantar
16	Se precisar de um ingrediente de emergência para o seu	Claro. É mesmo a eles que recorro se preciso. Eles têm a	Não. Não peço	Podia pedir, mas não tenho confiança	Sim, já aconteceu antes e pedimos a eles e eles a nós	Não, nunca aconteceu	Não	Não responde	Não sei.

	jantar, ou de pedir uns trocos para o pão porque esqueceu-se de levantar dinheiro, é capaz de pedir a uma família indiana sua vizinha?	minha chave de casa e tudo							
1 7	O Bairro do Armador sem famílias indianas seria...					Uma tristeza	Mais pobre	Problemático	Não seria bem o Bairro do Armador
1 8	O melhor do bairro do Armador é...	A boa vizinhança	O bom convívio	A cultura, as várias culturas	Tudo				

## 7.7 Tabela de respostas dadas pelos entrevistados 2

Visão da comunidade sobre o bairro - respostas transcritas da entrevista, sem trabalhar a linguagem

1	<b>IDENTIFICAÇÃO DOS ENTREVISTADOS e data das entrevistas</b>	Mulher, 53 anos, origem de Diu, feirante, casada (KP) 11.03.2014	Mulher, 44 anos, nasceu em Moçambique mas a origem é de Diu, doméstica, casada (UJ) 18.03.2014	Mulher, 20 anos, nasceu em Portugal, desempregada, solteira (XJ) 20.04.2014	Homem, 56 anos, nasceu em Moçambique mas a origem é de Diu, desempregado, casado a viver sozinho, porque os filhos e a mulher emigraram este ano civil para Londres 22.04.2014 (DK)	Homem, 26 anos, nasceu em Portugal, fez curso superior em Gestão, viveu em Londres e agora está há um ano para casar. Faz biscates (JK) 21.04.2014
2	Há quanto tempo vivem nesta casa?	12 anos	15 anos	15 anos	Mais de 10 anos	1 ano
3	Onde é que viviam antes do Bairro do Armador	Quinta da Holandesa	Quinta da Holandesa	Quinta da Holandesa	Quinta da Holandesa, depois casei e fui para S. João da Talha	Quinta da Holandesa, Londres
4	Houve algum critério na atribuição da vossa casa? E quando vieram para aqui, foi-vos informado atempadamente que vizinhança teriam, se teriam portugueses, africanos...?	Fui pedir à Câmara, eles vieram fazer a inscrição e eles disseram que iam dar a casa e pronto.	Não, eles queriam tirar o Bairro social dali, aquilo era barracas, queriam demolir as barracas e eles atribuíram casas às pessoas que moravam lá.	Vim com a minha mãe. Era pequena, não me lembro de muito, mas sei que limpamos muita coisa antes de irmos viver mesmo aqui.	Apareceu essa cooperativa e inscrevemo-nos. Depois de alguns anos tivemos acesso à casa. Não sabia que ia ser aqui.	Não sei. Depois da Quinta da Holandesa fui logo para Londres e só voltava de férias. Acho que foi ao calhas.
5	Quantas famílias indianas vivem aqui?	Mais que 500	não sei dizer mais ou menos... Deve ter quantas casas... umas 20 ou 30 casas	Muitas	Eramos muitos, mas agora com a crise há muitas famílias que vão embora. Tavam aqui com casa de câmara, não há trabalho e vão-se embora.	Sei que são muitas, agora quantas... eu vim aqui nesta zona por causa do meu tio, mas podia também ir para Sto. António dos Cavaleiros. Também tenho

						lá família.
6	E que etnias vocês identificam aqui o bairro? Quais as etnias que vocês têm consciência que existem aqui no bairro?	Há raça negra, raça branca, raça cigana, há de tudo.	É uma mistura. Há africanos, há ciganos, há indianos, há portugueses, até já vi também chineses deste lado	Acho que há de tudo um pouco	portuguesa, africana, Indiana, ciganos. Só há uma família muçulmana, daquilo que eu conheço	portugueses, africanos, Indianos,
7	Quantas famílias de outras etnias é que conhece e frequenta a casa? Pessoas que poderia dizer agora que são suas amigas	Mais ou menos 5/6 portugueses.	Entre portuguesas assim... amigas, amigas que frequente muito a casa, não tenho.	Da minha idade algumas, mas assim mais velhas são todas como a minha mãe	A vizinha da frente	Aqui no bairro ninguém
8	Pessoas a quem daria a sua chave de casa, a quem emprestaria dinheiro ou pediria alguma coisa emprestada	Olha a vizinha da frente. Deixamos as portas abertas, demos chaves umas às outras, a vizinha quando sai diz "cuida da minha casa", eu também. Além desta vizinha recorro também à minha amiga sim, pois ... com ela também. Quando eu vou para a Índia digo a ela para vir a minha casa passar um paninho na minha casa, porque tenho mais confiança nela.	Ah isso à amiga KP	Não sei	A vizinha da frente	Não sei. Estou há pouco tempo cá, por isso acho que numa emergência era aos meus que recorria
9	Que serviços	Não conheço	Escolas,	Sim, a biblioteca,	Muita coisa, até há	Acho que há uma

	conhecem aqui no bairro?	bem, só Gebalis, farmácia e mais nada	farmácia, há uma biblioteca	a escola...	uma mercearia indiana	farmácia
10	Há alguma associação ligada à comunidade indiana aqui no bairro	Não. Já tentámos, pedimos o espaço mas a Câmara ainda não deu	Aqui não. Queriam fazer mas ainda não conseguiram	Não Não sei, mas há muita papelada, muita burocracia, porque nós também queríamos... temos aqui esta escola, e queríamos que cedessem este espaço para nós aos domingos e acho que estão a tentar conseguir fazer	Temos a Casa de Diu, que ainda não funciona mas estamos à espera que nos dêem o espaço	Isso é que não
11	Aqui no bairro... houve alguma comemoração ou manifestação na rua da comunidade indiana?	Não, na rua não. Por exemplo no domingo passado era o nosso carnaval e fizemos uma coisa assim tipo normal, ao pé do Pingo Doce, celebrámos o nosso carnaval, pronto. Tavam lá umas senhoras e pronto, fizemos uma coisa, fizemos um fogo lá e todos à volta e fizemos aquilo, o resto não. (...) também pensamos, esta	Aqui o Carnaval. Festas assim como Natal e isso, maiores, é no Lumiar	Aqui só a fogueira, o Holi	Há uma festa aqui, aproveitamos a escola. Aos domingos juntam-se aqui na escola de manhã e depois às vezes eles fazem festa aqui no bairro, no pátio, a associação de casa de Diu. (...) há uma festa, o dito Carnaval. É feito aqui na praça do bairro. (...) É a Casa de Diu. Quer dizer, é uma associação, mas eles não têm ainda uma sede. Eu queria pedir ao padre mas ainda não consegui.	Penso que há uma, mas eu não fui.

		<p>             pessoa vai-nos              falar, será que              vai falar...              porque há              gentes aqui              que não              gostam.           </p>				
12	<p>             O que é que os              outros gostam mais              nos indianos?           </p>	<p>             A comida, as              roupas... vi              num programa              que elas              adoram as              nossas roupas.              Também              gostam de vir              aos nossos              casamentos           </p>	<p>             Acho que a              comida           </p>	<p>             Talvez a comida           </p>	<p>             Comida           </p>	<p>             Comida e acho              que as mulheres              querem ser              como as nossas              (risos)           </p>
13	<p>             O bairro do              armador é bom              para se viver?           </p>	<p>             O que é que eu              diria... bom              diria que o              Bairro do              Armador é uma              coisa boa, mas              por outro lado              não é. (...)              Não é aquele              jeito de viver           </p>	<p>             Segurança, em              muitos sítios              não temos, as              pessoas de fora              ouvem boatos              que... prontos              mas eu vivo aqui              há 15 anos e              nunca tive              problemas,              nunca tive.              Temos um              parque, boa              vista para ver o              mar...           </p>	<p>             Sim. Mas quem              vem de fora não              sei.           </p>	<p>             Gosto de tudo, mas              a sujidade que há aí              por todo o sítio isso              é que eu não gosto.              E de algumas              pessoas que dão              mais mau              ambiente, mas a              polícia também              funciona. Logo no              início havia              problemas... os              gajos limpavam o              bairro logo no              início           </p>	<p>             Sim, é calminho,              sossegado...           </p>

## 7.8 Tabela de dados estatísticos da CML, sobre a Quinta da Holandesa



Câmara Municipal de Lisboa  
Direcção Municipal de Habitação e Desenvolvimento Social  
Departamento de Política da Habitação  
Divisão de Planeamento e Desenvolvimento  
**PER - Núcleo 73 - Quinta da Holandesa**

<b>Recenseamento</b>	<b>Total</b>
Alojamentos	319
Agregados	424
Indivíduos	1737

<b>Tipo de solução habitacional dos agregados</b>	<b>Total</b>
Realojados	255
Indemnizados	94
Per-Famílias	6
Saídas várias *	69
<b>Total</b>	<b>424</b>

\* Inclui excluídos do realojamento, falecimentos...

<b>Bairros de realojamento</b>	<b>Total</b>
Alfinetes	6
Alta Lisboa Centro	1
Alto Pina	76
Armador	94

Avenida de Berlim	4
Avenida Cidade de Luanda	11
Carlos Botelho/Vale de Chelas	14
Casal Machados	17
Flamenga	1
Lóios	3
Olaias	16
Olivais Norte	1
Quinta Barros	4
Quinta Murtas	2
Quinta Ourives	1
Rego	1
Zambujal	3
<b>Total</b>	<b>255</b>

<b>Tipo de família</b>	<b>Total</b>
Família com dois Núcleos com outras pessoas aparentadas	1
Família com dois Núcleos sem outras pessoas	10
Família com Núcleo tipo Casal com filhos solteiros c/ pessoas não aparentadas	2
Família com Núcleo tipo Casal com filhos solteiros com pessoas aparentadas	19
Família com Núcleo tipo Casal com filhos solteiros sem outras pessoas	121
Família com Núcleo tipo Casal sem filhos com outras pessoas aparentadas	6
Família com Núcleo tipo Casal sem filhos com outras pessoas não aparentadas	1
Família com Núcleo tipo Casal sem filhos sem outras pessoas	34
Família com Núcleo tipo Pai/Mãe com filhos solteiros c/ pessoas aparentadas	7

Família com Núcleo tipo Pai/Mãe com filhos solteiros sem outras pessoas	46
Família com três ou mais Núcleos sem outras pessoas	1
Família sem Núcleo com outras pessoas aparentadas e não aparentadas	3
Família sem Núcleo com outras pessoas não aparentadas	1
Família sem Núcleo com outras pessoas só aparentadas	18
Família sem Núcleo só com uma pessoa	44
Sem Informação	110
<b>Total</b>	<b>424</b>

<b>Nº de pessoas por agregado familiar</b>	<b>Total</b>
Agregados com 1 pessoa	29
Agregados com 2 pessoas	44
Agregados com 3 pessoas	105
Agregados com 4 pessoas	99
Agregados com 5 pessoas	60
Agregados com 6 pessoas	47
Agregados com 7 pessoas	28
Agregados com 8 pessoas	9
Agregados com 9 pessoas	3
<b>Total</b>	<b>424</b>

<b>Sexo</b>	<b>Total</b>
Feminino	666
Masculino	1071

<b>Total</b>	<b>1737</b>
--------------	-------------

<b>Nacionalidade dos indivíduos</b>	<b>Total</b>
Angola	5
Cabo Verde	22
India	30
Moçambique	54
Portugal	1551
S.Tomé e Príncipe	1
Sem informação	73
Tanzânia	1
<b>Total</b>	<b>1737</b>

<b>Tipo de Parentesco</b>	<b>Total</b>
Avó	2
Bisneto/a	1
Chefe de família	424
Companheiro/a	34
Conjuge	272
Cunhado/a	22
Enteado/a	12
Filho/a	638
Genro	8
Irmão	54

Madrasta	1
Mãe	28
Neto/a	44
Nora	15
Outro parentesco	17
Pai	18
Primo/a	46
Sem Informação	2
Sem parentesco	40
Sobrinho/a	36
Sogro/a	10
Tio/a	13
<b>Total</b>	<b>1737</b>

Não existe informação disponível referente às origens das famílias, às fases de realojamento, às tipologias e aos critérios usados no realojamento.

**Fonte:** Base de Dados Gtbase, consultada em 18 de Fevereiro de 2015

## 7.9 “Diário de bordo”

Certas informações advém da observação: hesitações em responder, mudança de assunto, ou simplesmente ausência de resposta.

Verifico também que a minha clara ligação à comunidade indiana inibe algumas das respostas dos inquiridos portugueses, com medo de ferirem a minha suscetibilidade. Por outro lado, no que toca à mulher indiana, sobretudo num dos encontros posteriores que estabeleci durante uma sessão de pintura Hena, na casa da UJ, com a KP e as respetivas filhas da primeira entrevistada, notei uma abertura maior para falar sobre o casamento, os relacionamentos fora da etnia, tendo a UJ sublinhado que, mesmo tendo em conta a evolução do mundo, a mulher indiana precisa de estar casada com um homem indiano para se sentir segura e confiante. Portanto as amizades que as filhas jovens (uma de 20 anos, outra de 16) têm com rapazes portugueses (nem se toca no assunto “rapazes africanos) são reguladas pela mãe, de forma a que não passem disso mesmo, de simples amizades. O estado civil da filha mais velha é uma preocupação para a UJ, pois a mesma está solteira e diz claramente que não se quer casar agora, primeiro quer tirar um curso superior.

Quanto a KP, aproveitou para contar a experiência do filho mais velho, que se juntou a uma rapariga africana, tendo até se lamentado de não me ter conhecido melhor (esta senhora indiana conhece-me há mais de 10 anos) e de não se ter apercebido de quem era a minha família (as relações familiares, a origem, a casta, as profissões prevaletentes dos membros familiares são relevantes para a aposta num casamento de sucesso) pois caso isso se tivesse proporcionado, a proposta de casamento comigo surgiria. Questionei-lhe quanto à religião, sobre eu ser católica e ela hindú, o que obteve esta resposta:

“E qual era o problema? Ele fazia o ritual dele e tu o teu? Sabes fazer chamuças? Sabes fazer naan? Então podias casar com ele... coitado, gosta tanto das minhas apas e a mulher que está com ele nem vem à minha casa para aprender a fazer”.

*Dezembro de 2013*

Na casa de JK, com os seus tios a ouvirem a conversa, à espera para entrevistá-lo:

Vê-se uma parede inteira carregada de imagens e estátuas de santos e divindades hindús, bem como uma cruz cristã e uma Nossa Senhora de Fátima. No chão umas lamparinas e o gesto de quem passa à frente da parede repete-se: juntar as mãos, uma flexão do pescoço e uma palavra que me parece ser “namaste”.

Creio que é a tia que me questiona de onde eu sou em inglês. Respondo prontamente que nasci em Lisboa, mas os meus pais são indianos de Goa. Neste contexto, o do Bairro do Armador, este é um dos meus princípios: tentar “infiltrar-me” o máximo que posso, de modo a que nunca seja vista como uma intrusa para a comunidade.

A mulher (na casa dos seus 60, portanto uma matriarca respeitada) observa-me da cabeça aos pés. Não percebe o porquê de eu envergar um caderno e de estar sempre à espera de uma sua distração para escrever o que possa, de modo a não me esquecer do que vi. Questiona-me igualmente sobre a minha profissão. Quando digo que sou professora de Português fica perplexa e continua a questionar sobre o facto de eu alegar ser indiana e poder ensinar Português aos portugueses. Uma neta de 13 anos refere em gujarat que eu nasci aqui e que sempre falei Português como língua materna. Ela responde em gujarat também, mas faz má cara... limitações de se ser ou tentar ser indiana!!!

Estou na casa da família de MCJ, depois da primeira entrevista. MCJ diz-me que sabe tudo sobre os indianos e sobre as etnias que coabitam com ela, no mesmo bairro. Quando lhe questiono se entende bairro por rua, por espaço envolvente, por prédio, por Chelas, responde-me pelo bairro do Armador. Diz com frequência que não é

racista. Sorrio e digo-lhe que não estou ali para fazer juízos de valor, mas sim para trabalhar. Talvez a minha fisionomia diga o que eu não quero dizer, mas que penso.

As vizinhas que também responderam na entrevista, vêm provar as chamuças que eu levei, como gesto de simpatia pelo acolhimento e pelo contributo para o meu estudo. Uma diz que não aguenta o picante. Provou... e fez uma careta. Foi a que tinha referido a questão dos cheiros. Para a próxima terei de me conter mais.

### *Rito religioso*

É uma espécie de catequese, mas só participam homens. Creio que por educação, abre-se uma excepção para mim. O senhor que conseguiu que essa excepção fosse aberta é comerciante na Mouraria e eu já o conhecia por ter comprado alguns produtos na sua loja. Ele foi muito simpático e bastante receptivo. Chegou a dizer a outros homens, em Gujarate, que era bom haver segundas gerações a fazer estudos deste género e que a juventude tinha era de estudar e não ficar à espera que tudo lhe caísse do céu. Claro que isso foi o que ele me disse ter dito, quando vi que falava de mim e que eu tinha a expressão no rosto de que necessitava de ter tradução.

O rito- um “padre” guia o momento. É uma catequese. Fala-se em Gujarate e eu não percebo nada. Apenas verifico que todos abanam a cabeça para o lado, gesto tipicamente indiano e que mostra uma espécie de “aval”, conivência, aceitação daquilo que se está a ouvir. O senhor “Zé” (vou chamá-lo assim, atribuindo-lhe este nome fictício) perguntou-me se tinha gostado. Eu questionei sobre o que se tinha falado e ele resumiu-me que tinha a ver com os objetivos da vida, sobre viver construindo o bem, aspirando sempre à virtude. Respondi-lhe que estava muito contente com o facto de me terem permitido ficar ali, mas que lamentava que outras mulheres indianas não estivessem também, pois aspirar à virtude, todos temos e devemos fazê-lo. Ele sorriu e disse que não vinham por terem de preparar as refeições. Desconfio que não seja bem assim!

#### *Fevereiro 2014*

Xana, já terminaste o estudo?, diz-me KP que se cruza comigo no supermercado “Pindo Doce” da Bela Vista.

Respondi-lhe que não e que ainda estava na fase de passar a papel o que tinha recolhido nas entrevistas. Depressa questionou-me se o que tinha dito era adequado ou não e eu ri-me, tranquilizando-a. Dou-me conta que quando fazemos trabalhos de campo as pessoas têm medo daquilo que nos dizem e sobretudo receiam o que vai ser escrito.

Também tenho de escrever hoje, senão esqueço-me, que é com frequência que fui ouvindo frases como “Mas isto é para a Câmara”; “Vais divulgar isto para a Câmara”; “Quem são os teus professores?”. Estas frases foram sempre ditas pelos indivíduos de origem indiana com quem fui falando e também pelas suas famílias. Sei, inclusivé, que uma das senhoras indianas nem sequer disse ao marido que me ia dar uma entrevista, porque achou que ele talvez não entendesse que é importante compreender o que está a ser feito, no sentido de uma integração eficaz, ou o que pode ser feito.

Que cansaço!!!

#### *Março 2014*

Na casa de KP:

“Vivia numa barraca de madeira onde entrava frio e bichos. Tinha filhos pequenos e não podia deixar que aquilo continuasse. Vivíamos com outras tantas famílias, tudo junto na mesma barraca, uma confusão. Eu saía de casa às 5h para ir buscar o peixe a Algés e depois vendia de porta em porta. Fiz muito nesta vida para poder juntar qualquer coisinha. Depois meu marido foi pedir para fazer uma barraca de cimento e deram autorização. Saimos daquela porcaria de madeira. Mas era sempre na Quinta da Holandesa. E depois foi para aqui. Acabou o frio e a chuva nas casas e quartos.”

“Ainda estive em Loures na casa de um tio, mas zanguei-me, porque ele achava que era meu pai e depois vim para a Holandesa”

“Muito sinceramente não gosto da minha nora nem daquilo que eles têm junto. Não tem jeito estar assim.”

“Se eu soubesse dava-te de casar com ele. Ficavas aqui ou ias comigo sempre que quisesses para a Índia”

“ Eu acho que há muita gente racista. Eu não olho para os olhos das pessoas, porque tenho medo do que eles me possam dizer e sei que há gente que não gosta dos indianos, mas nós não temos que ser amigos de todos, temos de ter respeito”.

*Abril 2014*

KP chama-me a casa novamente. Diz que tem uns sarees bonitos para eu escolher para o casamento da minha amiga Alexandra Carvalho, no dia 14 de junho deste ano. Esta insistência toda... estou para ver!

Acabo de sair da casa da KP. Pois não é que o seu primo quer vir à força toda para Portugal, para depois ir para Londres. Mas eu sou o isco perfeito: quer-me casar com o sujeito. Estou perplexa. Fui clara a dizer um não peremptório. Espero que tenha entendido. Ainda assim, comprei-lhe o Saree!

*04.04.2014 (véspera de partir para a Índia, onde deve ficar até outubro desse mesmo ano)*

“Este bairro podia ser muito melhor se as pessoas cuidassem dele. Eu não gosto de dizer que não faço e não limpo o prédio, mesmo sabendo que há gente que não faz, não quero que digam que os indianos são porcos”.

“Há aqui na rua um senhor que diz que eu vou para a Índia trazer droga. Nem sabe o que é ter um filho longe por causa dos estudos e não poder trazê-lo para aqui.”

“O meu filho mais novo está na Índia. Foi-se embora há 5 anos, quando tinha 13. Chumbou no 7º ano e aconselharam-me a po-lo num curso profissional, mas eu disse logo que não. Quando chegamos a casa naquele dia perguntei o que é que ele não gostava na escola e ele disse que todos gozavam com a maneira como ele falava e ele era sempre o que tinha piores notas e não era igual aos outros. Então eu sugeri que ele fosse para a casa de uma prima minha em Diu, perto da minha mãe. Hoje ele fala fluentemente Hindi e Inglês, está a acabar o ensino secundário e é um ótimo aluno. Não quer voltar para Portugal. Por isso é que eu tenho de lá ir temporadas longas, porque ele é um menino e precisa da sua mãe até casar e fazer a vida dele.”

“Quando estiver fora será UJ a cuidar da minha casa. Sim, será ela, porque ela sabe como nós, mulheres indianas, gostamos das coisas. Não se pode confiar a casa a qualquer um. Aliás, o meu marido nem sequer permitiria que uma qualquer entrasse aqui. Estás a ver? Nem a minha nora ele quer aqui a mexer nas coisas. A casa é sagrada e aqui entra, mexe e está quem confiamos plenamente.”

KP prepara-se para ir para a Índia. Fui à sua casa despedir-me. Tratou de me dar um belo sermão sobre o facto de ser solteira e que não é bom para uma mulher ser solteira. Só me meto nisto!

UJ na casa de UJ, na presença das duas filhas mais novas desta e de KP:

“ Casar mesmo tem de ser com um homem indiano, eu pelo menos acho isso, porque os outros não nos compreendem, não nos dão segurança”

“... eu sei que agora é tudo diferente, mas uma menina aos 20 anos sem perspectivas a esse nível, nem pensar”

“não existem principes encantados na nossa raça”

“... o bairro está carregado de coisas boas. Elas sabem que podem ter os amigos que quiserem mas com respeito, até porque o meu filho mais velho está em cima delas a controlar tudo”

“Já fui costureira e ainda faço alguns trabalhos para amigos e pessoas de fora, mas tenho de levar eu e entregar, porque as pessoas não querem vir aqui ao bairro. Agora, como não consigo tirar grandes rendimentos dos trabalhos como costureira, estou a fazer o curso profissional de esteticista. A XJ gosta de desenhar e por isso também me ajuda e dá umas dicas quando aparecem pessoas como vocês, mas é só mesmo biscates. Por isso é que o meu marido teve de aceitar trabalho na Espanha, ali na fronteira e volta todos os fins-de-semana com o patrão, para estar com a família”.

“Gosto muito de ler e de saber fazer o que as minhas filhas aprendem, mas não posso fazer tudo”.

“Acho que os outros vêem-nos como mulheres *charming* que não se passeiam por aí, mas que estão dedicadas à casa e aos filhos. O meu filho até hoje diz que eu devia usar só o Saree, porque as pessoas aqui no bairro podem-se questionar o porquê de eu estar sempre só de Pundjabi.”

“vocês [referindo-se a mim e às minhas irmãs] são mais claras e isso é bom, porque quando se arranja casamentos também se procura mulheres com tom de pele mais claro”.

*14 de Junho 2014*

É o dia do casamento da minha amiga e se calhar nem deveria escrever, mas sim aproveitar bem a festa. Porém, antes que me esqueça, cá vai o que aconteceu de manhã.

Fui à casa de UJ para que me ajudasse a vestir o Sari. As suas duas filhas estavam em casa, e como creio que nutrem alguma simpatia por mim, fazem questão em me colocar imensas perguntas (muitas vezes, quase pessoais) sempre que lá vou.

Pois enquanto me vestia, as filhas foram falando sobre o facto de eu trabalhar na Amadora. Perguntaram se não tinha medo, se a população era muito mais africana como pensavam e se eu tinha algum dia ponderado ser outra coisa na vida. Disse-lhes que sempre quis ser professora e que gosto do que faço, mas que já fiz muitas outras coisas, tal como trabalhar num café, no aeroporto, fui tradutora, cuidei de crianças... etc. Uma disse que queria ir para fora, para estudar línguas como eu. Vi que a mãe fez-lhe um olhar reprovador e, num tom esforçado de simpatia, disse-me que nunca teriam dinheiro para que elas fossem estudar para fora. Eu não comentei.

Nisto veio a conversa da minha fé. Sabiam que eu era católica e sabiam também que na igreja paroquial da área em que elas vivem estava para começar umas aulas de zumba. Curiosamente pediram-me para se inscreverem. Eu achei isso o máximo.

O que mais me marcou e que me pôs um sorriso na cara foi o facto da UJ me ter dito “És uma verdadeira indiana com esse sari.” Será isto um sinal de aceitação maior? Sei que não tenho de ser aceite, mas se fosse, quem sabe se não conseguiria recolher mais material.

*Agosto de 2014*

*Passeando pelo Bairro do Armador...*

Não está calor nem frio. E um dia de agosto atípico, mas assim é bom, porque posso passear sem ficar toda transpirada!!!

Decidi que hoje ia passar pelo menos a manhã por aqui. O Bairro do Armador é muito carregado de prédios. Toda a gente diz que é um dos bairros mais privilegiados por ter uma parte do parque da Bela Vista. Eu própria sempre o disse, mas agora que passo aqui pelo menos uma vez por semana, cada vez vou perdendo essa perspectiva. Há três vias principais e nelas temos prédios do lado direito, do lado esquerdo, nas vias paralelas, descendo e subindo escadas e rampas... é quase sufocante.

(...)

Sentei-me no carro. Não sei bem à espera do quê, mas estou aqui para ver o que se passa. Estou na rua principal, de onde se vêem os blocos 750-etc, a cooperativa e, ao fundo, o condomínio fechado. Olho para as varandas e vejo imensa roupa

colorida. Quase que poderia dizer quem vive naquelas casas: famílias de indianos, com 2/3 mulheres, pelo menos. É mesmo engraçado.

Vêm-se algumas mulheres indianas que vão passando com os filhos ou com as amigas. Descem a rua, por isso calculo que se dirijam ao PD para as compras.

Vou andar um pouco também eu!

É impressionante o que se vê entre duas correntezas de prédios: não há vida. Um senhor disse-me que há muito tempo (estamos a falar de 6/7 anos antes) tinha havido algumas associações, mas naquele momento estava tudo fechado, porque as pessoas tinham emigrado, ou estavam sem dinheiro para pagar a renda dos espaços... e assim vêem-se lojas completamente fechadas. Que desperdício.

#### *Abril de 2015*

Em dezembro de 2014 pensei que este diários estava concluído. Pelo menos a sua versão para este trabalho deveria estar, pois as anotações e tudo o que fosse descobrindo depois desta investigação, poderia ser acrescentado, mas pensava que o essencial já aqui estava. Afinal estava enganada.

Hoje, dia 22 de abril, percorri o bairro do Armador rua por rua, canto a canto. Faltava-me algumas fotografias para colocar no trabalho e assim fui-me apercebendo de algumas mudanças que ocorreram nnos últimos 3 meses. Por um lado vi o que fui observando nos últimos meses: as senhoras indianas que vão passando, as pessoas que caminham apressadamente, a alegria das crianças no Parque da Bela Vista... Verifiquei que as pessoas permanecem nos mesmos locais, os cafés com mais “vida” mantêm a sua atividade, as portas das associações/organizações continuam fechadas. Entrei num café, próxima da mercearia indiana, as “lojas Milan”. Nunca me ocorreu, mas na feira do Relógio, por acaso vejo sempre uma carrinha que vende produtos a 1 euro e cujo nome é também “Milan”. Serão os mesmos? Enfim, entrei nesse café, porque a loja estava fechada. Acho e sempre achei estranho que aquela loja estivesse sempre tão pouco sinalizada, com poucas ou nenhuma marcas típicas de uma loja indiana, e hoje mais perplexa fiquei quando me apercebi que estava fechada, pois este

tipo de negócio indiano funciona muito como as lojas chinesas e de conveniência: estão sempre abertas. Entrando no café, pedi a minha bica e como me pareceu que a senhora do balcão era muito gentil, perguntei delicadamente se a loja Milan não abriria hoje. A resposta foi tudo, menos a que eu esperava: “Mas porquê? Você é da ASAE ou assim?”. Estava vestida com umas calças de ginástica e um corta vento. Trazia uma mala verde, colorida, que por acaso não era indiana, mas passaria bem por produto made in India, pelo seu formato e cor. Além disso, estava convencida que o meu tom e a minha fisionomia jogavam a meu favor portanto fiquei espantadíssima quando me foi questionado isso. Tratei logo de dizer que era uma estudante de mestrado e que o facto de estar a tirar umas fotografias no bairro e de questionar sobre alguns sítios, prendia-se apenas com a vontade de encontrar com as pessoas. Num tom menos desconfiado, mas ainda pouco recetivo, retorquiu-me com: “Ok, mas isso depois é para a Câmara? É que eles connosco não querem nada.” Voltei a salientar que o estudo era completamente pessoal e que nada tinha a ver com a CML ou qualquer outra instituição, que não a minha faculdade. Como a simpatia tinha abandonado a zona do balcão, tomei apressadamente a minha bica e saí dali para fora. Todos estes meses, tanto tempo passado aqui e mesmo assim não consegui ainda a confiança das pessoas.

Caminhei mais um pouco pelo bairro e vi que havia mais uma empresa de formação e consultoria aberta. Fiquei contente, apesar de verificar que está numa correnteza de entradas para prédios, na Avenida François Mitterrand, pouco visível. Estava fechada quando passei em frente, mas via-se que o mobiliário e a organização lá dentro era recente e que era um espaço com vida. Tive pena de não ter tido oportunidade para falar com alguém.

A pé, também pude reparar que algumas pessoas espreitavam da janela com curiosidade (ou talvez desconfiança) para mim, porque fotografava sem limites (em 3h que andei a pé no bairro, fiz 176 fotografias).

Penso que esta tese ter-me-á feito compreender o porquê de nunca podermos partir com a total confiança de que o espaço, o terreno está ganho e que nós somos daquela gente, como aquela gente é nossa. Lembro-me de ouvir a Dr<sup>a</sup> Rita Cachado no Fórum da Interculturalidade, organizado pela Assembleia Municipal de Lisboa, em que

referia precisamente a questão de muitas vezes a voz dos mediadores ou das forças sociais ter sido uma voz que soou de cima para baixo, em vez de ter tido uma direção reta, no mesmo tom e direcionada para o mesmo nível. Eu também incorri no mesmo erro de partir com a ideia da sabedoria adquirida no primeiro ano, com as demais leituras, os juízos de valor do senso comum no bairro e parti também com a ideia de que éramos todos o mesmo; eu, 2ª geração de Goa; eles, indianos de Diu. Não é assim. E terá sido no momento em que compreendi que não era assim, que comecei a fazer um trabalho muito mais intenso e com mais qualidade.

Um trabalho de campo é muito difícil. Demais. Mas se não fosse assim, como poderia ter dado o gozo que deu?

## 7.10 Espaços públicos do Bairro do Armador



**Figura 17:** Rua Bento Gonçalves



**Figura 18:** Corredor público entre os prédios de cooperativa



**Figura 19:** Atrás da Avenida Vergílio Ferreira



**Figura 20:** Jardim da François Mitterrand



**Figura 21:** Parque da Bela Vista :vista para as Olaias.



**Figura 22:** Parque da Bela Vista: Casa das Cores.



**Figura 23:** Parque da Bela Vista:caminho pedonal e de bicicletas para as Olaias.



**Figura 24:** Parque da Bela Vista: metro e linha do comboio.

## 7.11 Murais/fachadas dos prédios



Figura 25: Na Rua Bento Gonçalves.

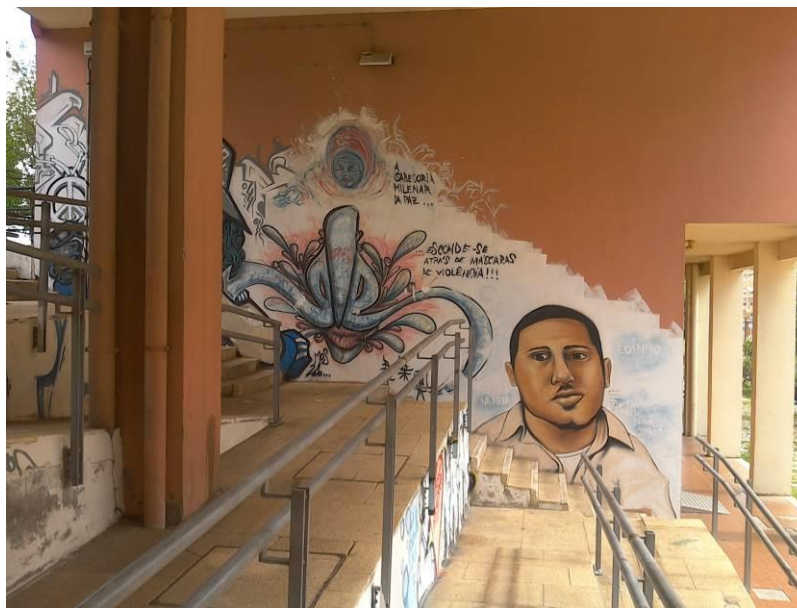


Figura 26: Entre as ruas Gilberto Freyre e Bento Gonçalves.



Figura 27: Na rua Jorge Amado.



Figura 28: Num prédio da Avenida François Mitterrand.

## 7.12 Associações/Organizações/Serviços



Figura 29: Fundação PT: Futuro Autónomo.



Figura 30: Partido Comunista de Marvila.



**Figura 31:** Creche Jean Piaget.



**Figura 32:** EB nº 1 do Armador.



Figura 33: Escola de Trânsito para crianças (fechada).



Figura 34: Unidade de Saúde da SCML.



**Figura 35:** Passeio onde se localiza a CPCJ e onde ficava o gabinete da Gebalis.



**Figura 36:** Farmácia.



**Figura 37:** Igreja Evangélica.



**Figura 38:** Fundação Oriente.

## 7.13 Lojas



Figura 39: Lavandaria/Engomadoria na entrada do bairro  
Rua Bento Gonçalves



Figura 40: Loja indiana (1)



Figura 41: Café e loja indiana (entrada principal)